

REVISTA DO ENSINO

ORGÃO TÉCNICO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Summario:

REDACÇÃO

Curso para professores districtaes e ruraes

Estatística escolar

COLLABORAÇÃO

OSCAR ARTHUR GUIMARÃES
— As modificações á reforma do ensino

AURORA LAMBERT — *Os trabalhos manuaes e sua funcção na escola primaria*

LAURITA ROMANELLI ROSA
— Notas de uma profesora

LENYRA LOBUGLIO — *A travessia do rio*

LEVINDO LAMBERT E SALVADOR TREVENARD — *Canção do Garoto*

ELMAIA FERREIRA DA SILVA
— Excursão escolar

MARIA DA CONCEIÇÃO GONTIJO — *Reuniões dos Paes*

NESIA CORRÊA E MARIA SALOME' DE SOUZA — *Ventão escolar*

TRANSCRIPÇÕES

CONSUELO PINHEIRO — *() Methodo de Projectos*

JOÃO TOLEDO — *A attitude do mestre*

TRADUÇÕES

LOMBARDO - RADICE — *Adolpho Ferrière e a escola activa*

MR. BEATTY — *Para a educação social da creança*

NOTICIARIO

Vencimentos dos professores

Os estabelecimentos escolares

A Convenção Nacional de Educação

REVISTA DO ENSINO

ORGÃO TÉCNICO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Curso para professores districtaes e ruraes



O assistente Abel Fagundes, pondo em execução, mais uma vez, a resolução tomada na reunião dos assistentes técnicos no anno passado, realizou no Grupo Escolar de Conceição, da 29.ª circumscripção litteraria, um curso pedagogico para os professores districtaes e ruraes do municipio.

A' solenne installação do curso, que se deu no dia 25 de maio, estiveram presentes, além das autoridades locais, elementos de destaque da sociedade conceiceionense. Atendendo á convocação do assistente, compareceram á installação do curso os seguintes professores: José Pinto Hermann, Cecy Cardoso, Dolores de Almeida e Silva, Rita de Almeida e Silva, Maria José Reis, Rosa Augusta Ferreira, Maria da Conceição Reis, Maria Natividade Teixeira, Benedicta Candida da Silveira, Carmelia Soares de Almeida, Maria Aparecida Lages, Maria Eloina da Conceição, Avelina Rodrigues Pimenta, Palmyra Augusta do Carmo e Souza, Anna Florentina Pires de Oliveira, Antonia Vicentina de Souza, Marietta Ferreira Soares e Ricardina Moreira.

Em nome do magisterio da séde, falou, saudando, em brilhante discurso, os seus collegas dos districtos, a professora Germana Maria Lage, respondendo, em nome destes, o professor José Pinto Hermann, director das escolas reunidas de S. Domingos do Rio do Peixe. O sr. professor José Aniceto Costa, fiscal das escolas normaes de Guanhões e Ferros,

congratulouse, em feliz improviso, com o director do curso e com os professores do municipio pelo trabalho que no momento se iniciava.

Encerrando a sessão, o assistente Abel Fagundes se dirigiu aos professores convocados, expondo-lhes os objectivos que tinha em vista, e exaltando, como merecia, o seu alto sentimento do dever e a sua capacidade de sacrificio, tão bem demonstrados com o seu comparecimento ao curso.

Programma dos Trabalhos

Diariamente, os professores-estagiarios assistiam ás aulas durante um horario completo, respondendo, em seguida, ao seguinte questionario:

- 1) — As lições a que assistiu foram previa e convenientemente preparadas ?
- 2) — Porque chegou a esta conclusão ?
- 3) — A materia foi bem explanada pela professora ?
- 4) — De que lição gostou mais ?
- 5) — Porque ?
- 6) — Os alumnos mostraram-se interessados pelas lições ?
- 7) — A que attribue isto ?
- 8) — Estiveram activos durante as aulas ?
- 9) — Como ?
- 10) — Está a classe disciplinada ?
- 11) — Porque ?
- 12) — Que achou da sala de aula ? (limpeza, mobiliario, ornatos, etc.).
- 13) — E do aspecto sanitario dos alumnos ?
- 14) — Que conceito faz da professora ? (optimo, muito bom, bom, soffrivel, máo).

A par desta pratica, que permittiu aos professores verem em applicação methodos novos, e em realização as actividades extra-programma, deram-se-lhes tambem algumas noções sobre methodologia e organização escolar. Ti-

veram, durante os 15 dias da reunião, aulas diarias, através das quaes receberam orientação sobre o ensino de arithmetica e linguagem, sendo feitas varias palestras sobre o ensino das demais disciplinas e sobre outras questões de ensino, como consta do seguinte resumo:

a) Linguagem oral e escripta; leitura: pre-livro, jogos, clubs de leitura, etc., a cargo da professora technica Aracy Lima, com a colaboração da professora technica Anna Augusta da Silva.

b) Arithmetica: importancia da materia, sua situação no programma primario, methodo applicavel na sua didactica. A numeração. Factos fundamentais das 4 operações. Seriação dos mesmos. Fracções ordinarias: redução do seu programma. Systema metrico. Decimaes. O material didactico — a cargo do director do curso.

Palestras

- 1) — A vida na minha classe — prof. Aurora Madureira de Oliveira.
- 2) — Como tornar infantil o ambiente das salas de aula? — profs. Iracema de Vasconcellos Safe e Estephania Generoso de Araujo.
- 3) — Excursões escolares — prof. Germana Maria Lage.
- 4) — Como conhecer a vida extra-escolar dos alumnos? — profs. Zenolina Josefina Ferreira e Maria Costa Chiab.
- 5) — A disciplina — prof. Virginia Andrade Costa.
- 6) — Jogos pedagogicos — prof. Anna Andrade Vieira.
- 7) — O desenho e o trabalho manual — professora especializada Alzira Candida da Silva.
- 8) — O problema da alimentação — prof. Nicolina Josefina Ferreira.
- 9) — Pestalozzi e seu exemplo — prof. Jossé Aniceto Costa.

10) — Jornaes escolares — prof. Luiza Andrade Carneiro.

11) — Instituições escolares (varias palestras) — prof. technica Aracy Pedrelina de Lima.

12) — Escola rural; o que é; sua função. Organização escolar: predio, mobiliario, material didactico — assistente Abel Fagundes.

As professoras Zenolina Josefina Ferreira, Maria Costa Chiab e Anisia Moreira de Oliveira apresentaram aos professores estagiarios todos os jogos pedagogicos em uso no estabelecimento, pelos quaes muito se haviam elles interessado. Explicaram-lhes a technica de taes jogos, jogando mesmo com elles, para que melhor entendessem o seu manejo.

Assistiram tambem os visitantes a varias dramatizações, sessões de clubs de leitura e auditorios, nas classes de 3.º e 4.º annos das professoras Iracema Safe, Zenolina Josefina Ferreira e Maria Catharina de Oliveira, e na de 2.º anno da professora Germana Maria Lage, além de presenciarem uma demonstração de jogos esportivos pela professora especializada Anna Costa Chiab.

O director do curso deu-lhes tambem modelos do caderno de preparação das lições, projecto de horario para escola singular, instrucções para organização de provas mensaes e seu julgamento, bem como das composições e exercicios de arithmetica.

Sob a direcção da respectiva professora, houve um grande trabalho relativamente á educação physica, comprehendendo uma parte theorica e outra pratica, realizada diariamente das 7 ás 8 horas da manhã, participando dos exercicios muitas das professoras districtaes.

A parte theorica comprehendeu o seguinte summario:

Calistenia: definição, principios e fins a que se destina. Vantagens da marcha. Noções elementares de planos e seus elementos.

Series: sua formação. Como escrevel-as.

Theoria e psychologia dos jogos. Seus effeitos physicos, physiologicos e psychologicos.

A parte pratica constou do seguinte:

Formação em fileira e columna. Desdobramento da fileira e columna, alinhamento, etc.

Marcha: a passo natural, na planta dos pés, como elevação dos joelhos e skiping.

Execução de uma serie livre. Alguns exercicios dos tres grupos, embora sem formar serie, com bastão e alteras. Noções sobre gymnastica de chão e dansas.

Assistencia á realização de 6 jogos menores e gymnastica historiada para 2 classes.

Foram dadas, a cada professora, escriptas, uma serie livre e uma com bastão. Deu-se tambem a divisão dos jogos nos seus 6 grupos, para a devida applicação, de accordo com o desenvolvimento da classe.

A socialização teve a sua parte no decorrer dos trabalhos. Como occorresse o anniversario do professor José Pinto Hermann, organizou-se, sob a orientação da professora Aracy de Lima, uma reunião social. Saudado o homenageado, apresentou-se o 1.º numero de um jornal falado, recitaram-se poesias, ouviram-se numeros de musica, e serviu-se aos presentes uma calice de vinho, terminando a reunião pelo agradecimento do homenageado.

Num domingo, buscou-se, para recreio do espirito, o campo. No imponente Salão de Pedra foi offerecido aos professores districtaes, pelo corpo docente do Grupo e pelo assistente technico, um "pic-nic", que deu margem ás maiores expansões de cordialidade. Agradecendo e saudando o director do curso, pronunciou mimoso discurso a professora Dolores de Almeida e Silva, agradecendo o assistente.

No dia 9 de junho encerrou-se o curso, sendo distribuidos aos professores, que o frequentaram, varios cartazes de propaganda sanitaria, enviados pela Directoria de Saude Publica do Estado, falando, por esta occasião, as professoras

Benedicta Candida da Silveira e Maria Natividade Teixeira, e, por fim, o director do curso, que mais uma vez agradeceu o comparecimento dos seus collegas, que sahiam armados para, dando largas ao seu entusiasmo e á sua vontade realizadora, imprimir nova orientação aos seus trabalhos didacticos, de modo a obterem maiores resultados e sobretudo promoverem a felicidade da creança rural.

Publicamos, a seguir, alguns dos trabalhos apresentados pelos professores:

O ESPIRITO DA RENOVAÇÃO

Nas regiões do Oriente, onde o céu azul e limpo tem fulgores divinos, onde as rutilas auroras e os suaves crepúsculos se apresentam num deslumbramento sem igual, ha também sitios ernos e desolados que são esteiros solidões em meio á pompa da natureza.

Em um delles vivia um povo que jámais conhecera a terra dos sonhos... Para elle a sorte fóra por demais ingrata e sem piedade.

Ignorava essa gente simples, as irradiações da civilização, os effeitos da primavera, o sussurrar da brisa na folhagem verde-escura dos pinheiraes... Jámais suas campinas se cobriram de flores, nem para ella o céu se tingiu de ouro. Tanto, porém, ouvira falar das scintillações do firmamento, das cerejeiras em flor, impregnadas de perfumes, tantos encaños lhes disseram das tulipas e bilazes, dos diamantes purissimos,

das turmalinas multicores, dos topazios, das amethystas cor de magoa, das tardes coloridas pelas tonalidades do iris, que se disputara a partir em demanda daquelle reino encantado.

E, sem receio de qualquer perigo, decidira aquella gente deixar os seus lares e ir em busca da terra mysteriosa, da felicidade, com que sonhava noite e dia.

— E lá se foram... animados de forte coragem... Eil-os a caminho!

Lentamente, modificaram-se as paisagens: — A's florestas densas, ao murmúrio suave de regatos tranquillos, succediam-se estendões de flores; seus olhos, maravilhados, se arrebatarem na contemplação das camelias, das hortensias, dos lyrios e das glicinias... Finalmente, esplendoroso e admiravel, appareceu o azul do céu.

Pelas planicies esparpidas de

flores, o rio Azul deslizava monstrosamente... e suas margens scintillavam de pedras preciosas!

Eis que chegam os intrepidos caminhantes á patria encantada do sol e da poesia!

Como os peregrinos da lenda, distinctos collegas, vamos também trilhando pela estrada luminosa do progresso, em demanda do ideal: — *a renovação da escola primaria.*

— Vamos em busca, não daquellas flores aphemeras, cujo perfume é levado pelas brisas seductoras, cuja belleza se desfaz com o perpassar dos tempos; mas em busca de flores magicas, que não morrem e nem perdem o seu vigor.

E', portanto, com expressiva sinceridade e com viva expansão de entusiasmo e alegria, que neste grupo recebemos hoje os distinctos collegas, que de todos os recantos do nosso municipio vêm se nos associar para juntos proseguirmos, como aquelle povo do Oriente, na conquista do thesouro sonhado que paira em nossas imaginações.

Animados dos mesmos sentimentos, de interesse e devoção pela nobre causa da instrução, congreguemo-nos neste momento para o inicio de um trabalho promissor, sob a competente direcção do nosso illustre assistente tecnico, sr. Abel Fagundes, em boa hora designado para esta região e cuja personalidade não é preciso enaltecer, bastando dizer, sómente, que é elle uma das glorias do Esta-

do de Minas pela sua cultura intellectual, pelo seu zelo e dedicação á causa do ensino, como temos observado na sua grata permanencia entre nós; e, com o concurso valoroso da intelligente professora d. Iracy Lima, orientadora do grupo de Passabem, que a convite do sr. Abel, veio também trazer-nos conhecimentos adquiridos no Curso de Aperfeiçoamento, conhecimentos que nos mostrarão novos horizontes, brilhantes de luzes que nos illuminarão o espirito nesta jornada difficil.

Cumpre-nos, portanto, manifestar-vos a nossa grande satisfação pela feliz idéa do dignissimo Regional, reunindo-nos, por alguns dias, para um convívio de amizade e sympathya, de que esperamos alcançar um bom exito.

Pois bem, queridos collegas, ficae certos de que assim como a natureza se alegra com a chegada da primavera, que enche de flores os campos e de belleza as florestas, dando vida aos ninhos e alegria aos passaros, assim os nossos corações se rejubilam com a vossa chegada a este grupo.

Aqui, não sois recebidos como pessoas extranhas, mas sim, como amigos sinceros, como companheiros de trabalho, visando o mesmo interesse, acostumados ás mesmas lutas, enfrentando as mesmas difficuldades.

As preciosas experiencias que trazeis de vossos trabalhos escolares, deverão por certo ser o ob-

jecto de nossas apreciações, o motivo de vossas palestras e de nossos debates reciprocos.

Apresentando-vos, pois, em meu nome, de minhas collegas e de todos que mourejam neste educandario, os cumprimentos de boas vindas, faço votos para que

os vossos dias, passados entre nós, sejam cheios de felicidades e cobertos de flores mimosas do nosso carinhoso affecto.

Tenho dito !

Conceição, 24 de maio de 1934.
— *Germana Maria Lage.*

O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO

Ao terminarmos hoje os trabalhos neste estabelecimento de ensino primario, com as instruções, tão proveitosas que todas nós recebemos, dadas estas pelo sr. assistente tecnico pela professora tecnica d. Aracy de Lima, venho eu fazer-vos, tambem, uma pequena palestra, cumprimdo apenas um dever, que a este nunca me tenho recusado.

Falar-vos-ei sobre a necessidade da merenda aos alumnos pobres, thema, para mim, de grande importancia.

Acostumada a reger sempre classes retardadas do 1.º anno, tenho tido opportunidade de observar, com resultados praticos, a desigualdade de intelligencia dos alumnos pobres, muito inferior á dos alumnos confortados, verificando, o mesmo, deficiencia não só sob o ponto de vista intellectual como physico.

E tudo isto, por que ?

Está visto que a creança, não se alimentando bem, encontra grande embaraço nas suas empresas.

Sendo a escola nova uma verdadeira fonte de iniciativas, como é que taes creanças podem tel-as

si estão sempre tristes e abstractas a todo e qualquer movimento da escola, desejando, apenas, que a professora adivinhe o que se passa no seu interior ?

E será difficil esta tarefa ?

Quantas vezes, na minha classe, foi necessario que eu repartisse a merenda que trazia de casa, com essas creanças, cujos olhares famintos e anciosos, todos convergiam para mim!...

E' certo que a educação de um alumno retardado exige da parte do educador conhecimentos psychologicos e pedagogicos muito apurados.

E' preciso, pois, procurar os meios mais variados de excitar-lhe a attenção, desenvolver-lhe a vontade e firmar-lhe o caracter. E uma das razões a que attribuo o indifferentismo dessas creanças aos trabalhos escolares, e mesmo a falta de intelligencia em relação ás outras de maior conforto, é a má alimentação. O que se pôde esperar de um alumno que se alimenta mal ?

Ainda que tenha alguma intelligencia e força de vontade, que é o essencial, o desenvolvimento

que se espera delle na classe nunca chega ao fim almejado.

Voltemos, pois, as nossas vistas para as creanças de hoje, que serão os homens de amanhã.

Ocupando-nos dellas, estaremos, sem duvida, concorrendo para a grandeza de nossa Patria.

Cumpre ao professor pôr a creança nas melhores condições de se educar, notando-se que á escola cabe a nobre empresa de dar os primeiros passos para este fim.

Não irá ella socorrer directamente as classes necessitadas, levando-lhes a alimentação, sem deixar cousas a desejar, mas, parcialmente, auxiliará de um modo bastante satisfactorio.

Felizmente, em nosso grupo, graças aos esforços e dedicação da nossa m. d. directora, Anna Augusta da Silva, medidas urgentes foram tomadas neste sentido, quanto á distribuição da merenda aos alumnos necessitados.

Continuando esta caridade que não deve ser por nenhuma de nós olvidada, teremos a nossa escola afastada de um grande mal com o qual vêm lutando, de ha muito, os professores, sem lhe comprehenderem a causa.

Mas, para que não falte esta merenda, é necessario que não nos esqueçamos de trabalhar para o desenvolvimento da Caixa Escolar, enfrentando mesmo todas as difficuldades que se nos apresentarem.

Conforme penso, é a merenda aos alumnos pobres, o emprego mais acertado das rendas da Caixa Escolar.

E, praticando este acto, contribuiremos para o bem da nossa Patria, certos ainda, de que, de Deus teremos a segura recom-pensa.

Conceição, 10/6/1934.

Nicolina Josephina Ferreira,
estagiaria contractada do Grupo Escolar "Daniel de Carvalho".

A EXCURSÃO

Querendo o nosso dignissimo assistente tecnico que vos façamos scientes de todas as actividades realizadas para o desenvolvimento de nossas classes, mandou-me que vos falasse das excursões escolares.

Nada de extraordinario poderei dizer-vos sobre esta parte importante do nosso programma, porque, como sabeis, estou tambem na epoca das experimentações e, certamente, sobre este as-

sumpto, tendes melhores experiencias do que eu.

Porém, como nunca é demais repetir e ouvir aquillo que nos interessa, como, por mais simples que seja, uma discussão sempre nos traz alguma luz, pelo motivo de não haver dois pensamentos verdadeiramente eguaes, como não ha dois lyrrios nos campos com as mesmas disposições, não me esquevi a esta tarefa. Ficam, portanto, os distinctos col-

legas, com a franca liberdade de criticarem as minhas opiniões e apresentarem suas idéas a respeito.

Não vos quero falar de artigos de revistas, de assumptos de jornaes, nem de cousas imaginarias, mas, de conhecimentos proprios, do que se tem passado commigo, com referencia ás excursões.

A meu ver, presados collegas, as excursões escolares são actividades de grande valor para o ensino e mesmo indispensaveis como complemento de certas disciplinas escolares; mas, são tambem perigosas, inconvenientes até, quando não comprehendidos os fins com que as devemos fazer.

Ha duas especies de excursões que podemos fazer com proveito, contanto que sejam bem organizadas e de accordo com as necessidades do ensino de nossos alumnos.

A primeira é a excursão instructiva, propriamente dita. É um passeio a certos logares, proprios ao estudo de determinadas materias do programma escolar, como sejam: geographia, arithmetica, noções de cousas, sciencias, historia, etc.

Como todos sabem, sendo a natureza um livro aberto para o estudo de todas as sciencias, está claro, que uma aula de geographia ou sciencias em que se trata da cultura do café, por exemplo, sendo dada em uma lavoura, onde as creanças possam observar a planta em suas diversas phases, seu desenvolvimento, seus fru-

ctos, será muito mais proveitosa do que si fosse dada dentro da sala, através de explicações abstractas ou com o auxilio de gravuras e simples desenhos.

A segunda é a excursão recreativa, que consiste em um passeio, sem preoccupações de estudos e muito agradável ás creanças, que muito gostam de folguedos e liberdade. Esta é condemnada na opinião de muitos; mas, para mim, é tida como um meio de despertar o interesse de certas creanças que se aborrecem de tudo o que existe na escola, desde os livros de historias bonitas até as gravuras mais interessantes.

De ambas podemos tirar uma infinidade de proveitos para o ensino, de actividades importantes para a nossa classe, de resultados excellentes, que sem ellas não conseguiríamos obter.

Lembro-me ainda quando houve a reforma do ensino pelo dr. Mello Vianna, de que uma das cousas que mais me impressionavam na execução do programma eram os passeios de estudo em fazendas, fabricas e officinas.

Nessa occasião, era eu professora da segunda escola do districto de S. José do Passabem. Com uma frequencia de 90 a 100 alumnos, é de se crer que a disciplina não poderia ser mantida facilmente dentro da sala e muito peor no campo livre.

Apesar do receio que tinha de algum acontecimento desagradavel, resolvi fazer a 1.ª excursão com a minha classe, mais para

cumprir as exigencias do regulamento.

Como não tinha conhecimento nem orientação sobre a materia, não consegui nenhum proveito para o ensino, pois não me preparei bem para fazel-a. O certo é que as creanças se sentiram radiantes quando se pilharam livres das quatro paredes que lhes constituam o ambiente escolar. Não houve quem desgostasse do passeio, e foi com difficuldade que consegui reunil-as depois para regressarmos á escola.

Não me senti muito satisfeita com o resultado obtido.

Pensei como resolver o problema das excursões; como organizar um plano que me desse frutos proveitosos. Não tinha a quem consultar e isso me trouxe grande desanimo. Afinal, em uma aula de geographia em que ensinava ao 3.º anno as produções e as riquezas principaes do Brasil, aproveitei-me da rede de illuminação electrica do arrabal, para explicar as utilidades e propriedades dos metaes, aproveitadas pelo homem nos diversos ramos da industria. Conhecendo os efeitos da electricidade, sentiram as creanças desejo de conhecer a usina, que ficava em uma fazenda proxima da escola, onde havia muitas outras cousas interessantes para os alumnos e de utilidade para o ensino.

Aproveitei a oportunidade e organizei um plano de excursão á usina. O interesse surgiu logo e todas as creanças tomaram parte na organização do mesmo.

Lembrou-se um menino de que na usina poderíamos ver o engenho de moer canna, machinas de beneficiar café e arroz, telephone, cultura de café, canna, banana, etc.

Perguntei-lhes como poderíamos entrar naquella propriedade sem ordem do seu dono. Entre os alumnos, havia um filho do proprietario da usina, que se promptificou immediatamente a ir á sua casa e pedir, pelo telephone, a seu irmão, que dirigia o trabalho daquelle estabelecimento, licença para fazermos lá um passeio e tambem marcar o dia e a hora de nos receber, pon-do todas as machinas em movimento para os alumnos verem. O pedido foi attendido!

No dia marcado, fizemos a excursão e posso affirmar-vos que o resultado foi tão bom, que mandei para a Secretaria do Interior um relatório da mesma, recebendo do Secretario um cartão de agradecimento, com uma nota de louver ao meu trabalho...

Com essa excursão obtive motivos para ensinar muitos pontos do programma, como: lingua patria, sciencias, geographia, instrucção moral, arithmetica, etc.

As excursões recreativas dão tambem excellentes resultados, e dellas podemos tirar muitas actividades uteis ao desenvolvimento educativo das creanças.

Em 1932 dirigí neste grupo uma classe de alumnos retardados do 3.º anno "C". Entre esses alumnos havia tres que não se interessavam por lição alguma; e

um me parecia até doido, pelas constantes desordens que provocava na aula.

Empreguei todos os esforços ao meu alcance para atrahir a atenção dessas creanças e não consegui. Era necessario que eu descobrisse a causa daquelle indifferentismo. Depois de muitos trabalhos infructiferos, resolvi fazer uma excursão recreativa com a classe, um "pic-nic". Sabia que, gostando toda a creança de gulodice e passeio, de tudo que é novidade, havia de tirar algum proveito, e não me enganai.

Ouvindo falar de "pic-nic", despertaram-se os tres alumnos como por encanto, do seu somno, e puzeram-se em actividade, fazendo programmas, listas, resolvendo problemas sobre o assumpto, trocando idéas com os collegas, o que nunca haviam feito.

Continuaram animados após o tal "pic-nic" e o certo é que se desenvolveram e aproveitaram alguma cousa.

Pois bem, foi com um passeio recreativo que pude conseguir o meu objectivo: — conhecer a causa do desanimo da minha classe, o motivo do indifferentismo daquellas creanças, o qual era a má alimentação, ou alimentação insufficiente.

Das experiencias tiradas destas e outras excursões que tenho feito, cheguei á conclusão de que todas as excursões são proveitosas ao ensino, quando bem orientadas e organizadas de accordo com as necessidades da escola.

Para que a excursão tenha valor é preciso termos em vista o seguinte:

— Primeiro, que seja desejada pelos alumnos, quanto possivel, ou motivada pela professora, com habilidade.

— Que seja feita com um fim util e interessante para a classe.

— Que não seja improvisada na hora, a não ser quando necessaria ao esclarecimento de alguma explicação, que sem ella não seria comprehendida.

— Que o logar a visitar tenha sido previamente escolhido, de preferencia, pelos alumnos.

— Que o plano a ser executado tenha sido feito pelos alumnos, ou pelo menos, de accordo com elles.

— Não organizar um plano para ser executado com dias marcados durante o anno.

— Não obrigar os alumnos a certos trabalhos após a excursão, como: relatório dos acontecimentos occorridos na mesma, descrições, etc., porque isto poderá trazer aborrecimentos e desinteresse para outras excursões.

— Deixar que as creanças ajab com liberdade durante a excursão, mas dentro da disciplina.

Eis, portanto, caros collegas, o que me occorreu dizer-vos do thema que me foi dado para tratar nesta palestra.

Esperando da vossa generosidade o perdão das faltas com-

mettidas, rogo-vos fazerdes as apreciações que vos convierem, com inteira liberdade de presen-

tar as vossas opiniões.

Conceição, 28 de maio de 1934.

— *Germana Maria Lage.*

COMO TORNAR INFANTIL O AMBIENTE DAS SALAS DE AULA? DE QUE MEIOS DEVEREMOS LANÇAR MÃO?

Para formar o ambiente da sala de aula afim de agradar aos alumnos, é preciso attender a certos factos que podem ser observados quando as creanças entram para a sala, como reagem no 1.º dia em que vêm para a escola. Esses elementos são: a iniciativa, a attitude, de que modo ellas se agrupam, a preferencia que dão para algum trabalho. Depois, então, a professora vae organizando as actividades.

O ambiente, pois, deve ser organizado pelas creanças que o adaptam ás suas necessidades, collocando e arranjando os moveis como quizerem; portanto, em vez de carteiras pesadas e desgastadas, deve haver mesinhas, cadeirinhas, quadros, etc., que as creanças poderão levar para cá, para lá, conforme a necessidade.

Na organização das nossas salas de aula temos que observar: a disposição dos moveis, organização do material e personalidade da professora (attitude acessivel da professora ás creanças). A professora não deve ficar de pé junto dos alumnos, mas sentada no meio delles, como uma outra creança fazendo-se pequenina com elles, para ser mais acessivel aos alumnos; estar mais

proxima delles, de maneira que todos possam falar com ella.

Assim, por exemplo, na hora de historia, em vez de deixarmos as creanças collocadas umas atraz das outras, devemos reunilas em circulo ao redor de nós, porque isto nos facilita o contróle de todas, despertando nellas maior interesse pela lição. Entretanto, desde que o material não se preste a isso, podemos deixar que as creanças se agrupem mesmo sentadas no chão, perto de nós; isto em nada prejudica a disciplina, uma vez que todas estejam attentas e interessadas. A disposição formal das nossas carteiras dificulta a espontaneidade do alumno, difficulta a discussão e dá ao ambiente escolar uma apparencia muito formal; o contrario acontece quando todas se acham viradas umas para as outras; falam com mais desembaraço e mais espontaneamente porque estão em attitude mais commoda.

O ambiente deve ser natural, organizado pelos alumnos, como elles escolherem e quizerem. A professora deve chamar a attenção da classe para alguma disposição inconveniente, por exemplo, a questão da illuminação, corrente de ar, etc. A classe deve ter variedade de material para favo-

recer um grande numero de actividades, como: aguario, o taboleiro de areia, o museu, a biblioteca infantil, cinema, fantoches, etc., etc.

O material variado sugere um grande numero de discussões muito interessantes entre os alumnos, dando-lhes oportunidade de falar, o que muito concorre para desenvolver-lhes a linguagem.

A senha da antiga escola — diz John Dewey — é direcção e fiscalização. O mestre é o centro, o fim da escola. Mantida a disciplina tumular, reduzidos os alumnos á quietude e ao silencio, esgottados até a ultima os programmas escolares, feitos os exames do fim do anno, dá o professor por finda a sua tarefa. Na sua opinião cumpria rigorosamente o seu dever. Está exuberantemente provado que a attitudde do mestre deve ser muito outra. A escola deve merecer-lhe maior cuidado pela rica variedade de problemas que nos apresenta diariamente. Procurar comprehender a creança, crear uma atmospheria propria do seu desenvolvimento, interessa-a dentro do seu mundo infantil, ensina-a dentro do campo de sua experiencia, enriquecendo e ampliando esta, é um sonho que faz da escola uma delicia e do magisterio um sacerdocio. O ambiente escolar deve estar cheio de alegria e franqueza. A creança dedicará á professora um amor filial, acostumada como está a vel-a sempre egual, solicita em

attender, alerta em cooperar com ella.

Nesse convivio, que será cuidadosamente preparado pelo professor, as oportunidades são multiplas para bem dirigir e orientar as actividades das creanças encaminhando-as para uma organização definitiva e que tenha em vista a vida e seus problemas.

Cumpre, pois, substituir a direcção e a fiscalização por uma directriz da vida, cheia de iniciativa e realizações. Desloquemos o centro da gravidade da escola, fazendo da creança o seu fim principal. Tornemol-a attractiva á creança, façamol-a viver em seu ambiente e obteremos resultados inesperados de nossos esforços.

Diz ainda Dewey, no livro "Vida e Educação" (pag. 23), que não ha nenhum meio directo de controlar ou governar a educação que a geração infantil recebe, salvo o de preparar o ambiente em que a creança age, pensa e sente. Não se educa directamente mas indirectamente através de um meio social.

Temos, porventura, possibilidade de agir sobre o meio, de modificar-o, de alteral-o, de organizal-o intencionalmente para tal ou tal effeito educativo? Todos os paes intelligentes dirão que sim. Muitos delles estão constantemente interessados em dar ao meio familiar uma feição educativa benefica, pela qual os filhos possam vir a ser possivelmente melhores do que elles.

As escolas, por sua vez, são

tambem meios organizados intencionalmente para o fim expresso de influir moral e mentalmente sobre seus membros. E', pois, na preparação deste meio escolar, especial de educação — a escola — que podemos e devemos dispôr as condições pelas quaes a creança venha a crescer em saber, em força e em felicidade.

Tres caracteristicos — accentua Dewey — distinctos dos que marcam as associações ordinarias, deve ter esta forma de associação.

1.º) — Deve prover um ambiente simplificado, para permittir o accesso da creança.

Longe vão os tempos em que a propria vida ainda era tão simples, que as creanças nella podiam directamente participar. Hoje, a civilização ganhou inextrimível complexidade, constituindo-se de uma série de artes, de sciencias e de instituições que sómente annos de estudos nos habilitam a comprehender e a praticar. A escola deve simplificar esse ambiente complexo, para que a creança gradualmente lhe venha conhecer os segredos e delles participar.

2.º) — Deve organizar um

meio purificado, isto é, de onde se eliminem certos aspectos reconhecidamente maleficos do ambiente social. A escola não visa perpetuar na sociedade os seus defeitos.

Em uma sociedade progressiva, ella é o órgão especifico de uma constante melhora, pela qual desejamos legar a nossos filhos a possibilidade de uma vida mais feliz que a nossa.

3.º) — Deve prover um ambiente de integração social, de harmonização de tendencias em conflicto, de larga tolerancia intelligente e hospitaleira. Influencias antagonicas, isolamentos familiares ou religiosos, espirito de clan ou de partido, ameaçam nas sociedades heterogeneas dos dias de hoje, dividir, separar, desunir os membros da familia social. A escola deve ser a casa da confraternização de todas essas influencias, coordenando-as, harmonizando-as, consolidando-as para a formação de intelligencias claras, tolerantes e comprehensivas.

18/6/1934.

Estephania Generoso de Araujo. — Iracema de Vasconcellos Safe.

A VIDA NA MINHA CLASSE

Antes de iniciar a minha palestra, aviso que não pensem em ouvir um trabalho litterario de orações aprimoradas, de colorido brilhante, pois que sou uma professora humilde, acostumada, até ha pouco, tão sómente nos limi-

tes do lar e de uma escola rural, convivendo apenas com as creanças simples e puras! E', portanto, o cumprimento do dever que me obriga neste momento a desenvolver com a maxima simplicidade o thema que me cou-

be: — *A vida na minha classe.*

Para isso, é preciso esclarecer que tenho sob a minha direcção uma classe de retardados repetentes, classe "D", composta de 28 alumnos, sendo alguns matriculados em 1926.

Preciso notar que desses, quatro são novatas, e não estão de accordo com a classe, visto certas circumstancias do meio que foram observadas.

Nos primeiros dias lectivos procurei viver com os novos alumnos, fiz um exame individual na classe, chegando á conclusão de que não tinham conhecimento algum de leitura, que procuravam desenhar o proprio nome, ora certo, ora com falha de letras. Quasi na totalidade, não tinham o mais simples raciocinio, e uns seis apenas tinham conhecimento de adicção de parcelas simples.

A par da cultura de cada um, resolvi tomar alguns dias para viver com elles, dando tests de attenção e mantendo palestras em torno da vida escolar. Porém, digo com sinceridade, que cheguei ao desanimo: — nada lhes chamava a attenção; a frequencia era diminuta; não conseguia a menor disciplina; inquietos, não attendiam ás minhas observações.

Que fazer? A resposta do problema foi a seguinte:

Concentrando toda a minha classe, fiz um appello ao meu espirito de mãe: figurei-me uma dessas mães desventuradas que enfrentam sacrificios de toda sor-

te para que seus filhos recebam na escola a instrucção necessaria para a luta pela vida; e que, entretanto, apesar de tantas magoas, apesar da pobreza e do descontento, têm ainda que soffrer derrota de seus esforços! Amei então esta causa que eu defendo; furti aos meus filhos uma parte dos carinhos de mãe em beneficio dessas pobres creanças, pois qualquer que seja a difficuldade da vida, é facil de ser vencida, si se tem por base o amor, essa força possante e heroica capaz de comprehender e de resolver as situações mais difficeis! Animada por este sentimento, tenho procurado, na medida das minhas forças, adivinhar o segredo da intelligencia, o meio physico e moral em que vivem e a indole e tendencias de cada um. Conhecendo-os profundamente, applico os meus trabalhos na classe, com paciencia e carinho, para os que delles necessitam; com severidade para os que não comprehendem o dever, obrigando-os a isto. Após o castigo permittido, procuro convencer-os de que eu os estimo com a devida sinceridade, para que não conservem rancores e a vida escolar lhes seja sempre agradável. E muito tenho conseguido na disciplina: de modo que a conversa e o barulho que em dado momento ainda existem na classe, se deve a não terem esses meninos força bastante para reagir contra a natureza inquieta e barulhenta que os domina.

Para o ensino de leitura orga-

nizei diversos quadros com poucas sentenças. Antes da leitura, o quadro é apresentado á classe, para que as creanças o observem, commentem e descrevam todas as suas partes.

Além de desenvolver a linguagem, é optimo meio de atrahir a attenção.

E' preciso que se tenha sempre a preocupação de atrahir a creança que, ás vezes, é incapaz de concentrar a sua attenção, distraindo-se pela menor lembrança.

Feita a apresentação do quadro, passo á leitura corrente do mesmo e á sua dramatização, sempre que possivel. Após a leitura corrente, entramos na decomposição em sentenças, que são estudadas no quadro negro em ordens diversas e depois em fichas de cartolina.

Quando os alumnos já conhecem perfeitamente todas as sentenças, começamos a decomposição destas em palavras, o que exige maior força de attenção e de fixação. As palavras são dadas no quadro negro para que todos as leiam em voz alta e em commum. Depois de repetir este processo algumas vezes, nota-se que os alumnos se cansam, mostrando-se enfatiados para o trabalho.

Passamos, então, ás fichas e as creanças formam com ellas as palavras já conhecidas; mostram-se mais interessadas; trabalham contentes; porém, inconstantes como são, só o fazem uma ou duas vezes. Organizei então o

ver si o ensino tornava-se mais interessante. O resultado foi optimo. Vi depois a satisfação com que todos receberam o novo processo; que a creança joga atenta; não se cansa; e, sem preocupação, fixa muito melhor a fórma da palavra, pelo interesse de vencer o jogo. Na leitura tem sido o meio mais suave e interessante.

Estudadas as palavras em diversas situações, passamos ao estudo de suas partes, isto é, de syllabas. Isto é feito ora no quadro negro, ora em fichas para a formação de palavras. Admirri-me de que este anno os alumnos não encontrassem a difficuldade que observei neste estudo o anno passado, quando eu dirigio uma classe melhor e mais intelligente. Surprehendida, procurei decifrar essa questão, chegando á conclusão de que naquelle tempo, eu havia dado primeiro um grande numero de palavras e depois o estudo isolado das syllabas; e que, entretanto, nesta classe, os alumnos estudaram as syllabas logo após as palavras das quaes ellas faziam parte.

Por este facto, pude avaliar com a propria experiencia o consideravel papel das associações.

Em arithmetica tenho dado problemas oraes e diversos jogos, ora no quadro negro, ora em fichas de cartolina.

Na maioria, as creanças trabalham contentes e activas. Seguindo estes processos que expuz, os alumnos já estudaram 65 palavras, 110 syllabas, sendo que

jogo do vispóra de nomes para com estas já formaram 40 palavras novas com as quaes organizaram sentenças diversas.

De 14 a 15 creanças já conhecem mais 36 palavras de um novo quadro em estudo; de modo que, em breve, poderemos passar á decomposição do mesmo em syllabas. A' medida da leitura, venho dando a escripta, sempre de accordo com as mesmas sentenças já conhecidas da classe. Muitas já escrevem com segurança o ditado de todas as sentenças dadas como tambem de algumas novas.

Não sei si me engano, porém, si não houver algum transtorno da sorte, tenho esperanza de ver no fim do anno a maioria dos alumnos alcançar a victoria final de seus esforços.

A parte mais difficil está vencida: já comprehendem a leitura; já têm enthusiasmo; já não se sentem humilhados na desventura do analfabetismo completo, e já gritam que serão promovidos com o orgulho natural, e expressão innocente, leal e franca, de seus sentimentos infantis.

Tenho agora a preocupação de desenvolver-lhes a linguagem, problema difficil e que depende de muito tempo e esforço.

Sinto-me feliz ao observar tambem que o poder de attenção já é muito maior, o que demonstra, além de tantas outras experiencias, as relações estreitas que existem entre a intelligencia e a attenção, e que esta cresce com

o desenvolvimento intellectual. E' por ponto que merece especial cuidado na minha classe, onde quasi não ha attenção voluntaria. Tenho sempre a resolver o problema de habitual-os a concentrar a attenção, a olhar e a escutar, pois, si o habito e a attenção são condições necessarias á continuidade da vida, é preciso cultivar com carinho estas condições para os devidos fins do ensino.

Podem notar pelo meu eaderno de preparo de lições a muita repetição que existe em todas as materias. Mas preciso attender á necessidade da minha classe retardada. Depois tenho sempre em vista que, apesar do grande e admiravel poder de fixação que tem a creança, é necessario que haja sempre as repetições e as associações como poderosas auxiliares da memoria. Observo tambem que as repetições não devem ser continuas, não só porque está provado que o processo das acquisições exige um certo tempo, como tambem porque entre as lições é sempre necessario o intervalo tanto para descanso como para restauração dos sentidos.

Ao terminar a minha humilde palestra, posso dizer, em resumo, que, si não fosse a baixa de frequencia neste ultimo mez, occasionada pela proxima festa do Jubileu, eu veria, querendo Deus, (com excepção de uns 8 alumnos), toda a classe progredir numa marcha unica para a conquista do ideal sacrificado ha tan-

tos annos, pela inconstancia, indisciplina e incapacidade de at-

tenção.

Aurora Madureira de Oliveira.

J O G O S

A escola moderna, procurando dar á creança actividades que satisficam as suas necessidades, recorre ao jogo que, na opinião de alguns pedagogos, é um dos factores do desenvolvimento na idade infantil.

Froebel dizia que o jogo não é uma cousa frivola para a creança, mas encerra uma profunda significação, de sorte que elle não teve duvida em affirmar que o jogo era o mais alto grau da actividade infantil.

Os seus valores educativos são de grandes efectos. E' por elle que a creança manifesta e revela as suas disposições e aptidões.

Compayré escreve que uma historia bem feita dos brinquedos das creanças, permitir-nosia apprehender o desenvolvimento progressivo de todas as suas faculdades.

O jogo apparece na creança desde o seu nascimento.

Lugo que ella pôde agir, joga: o exercicio dos sentidos, os primeiros movimentos das pernas e dos braços, as primeiras emissões da voz são para ella occasiões de divertimento e de brinquedo.

As que são lerdas, retardadas e lethargicas, e que reagem vagarosamente, podem tornar-se activas, por meio de jogos interessantes e bem orientados. Por elles podemos conhecer as inclinações

bóas ou más dos alumnos, as suas vocações e habilidades e, enfim, o seu caracter.

Os jogos devem ser dados para revisão do apprendido e como exercicio para fixar conhecimentos adquiridos.

Assim, por exemplo, quando a creança já aprendeu as combinações de somma e subtracção, ella não joga para adquirir conhecimentos nas mesmas. Por conseguinte, nestes jogos ella não vai apprender factos, mas apenas fixal-os, porque a comprehensão vem antes do exercicio.

Entretanto, estes jogos podem conduzir á apprendizagem quando a creança não sabe e quer tomar parte nos mesmos.

E' sabido que uma das leis da apprendizagem é a repetição. Pelo jogo esta pôde ser feita, e a creança recorda de varias maneiras o que estudou sem se cansar. Toda creança tem necessidade de procurar tudo o que impressiona os seus sentidos; por isso, ella pergunta, indaga e de tudo quer saber; portanto, devemos procurar para ellas jogos attractantes e interessantes, afim de satisfazer as suas inclinações.

Um facto que observamos no jogo é a cooperação da classe na organização do mesmo, pois quando ella participa do trabalho, interessa-se muito mais por mantel-o, porque quer conservar

aquillo sobre que deu opinião e que ajudou a fazer.

Embora no jogo se gaste mais tempo para se elaborarem as noções, a aprendizagem é mais segura e os conhecimentos mais solidos.

Na sua applicação devemos notar as seguintes etapas:

1.* — A creança joga só, sem preocupação de companhia.

2.* — Ella joga só, porém tem a preocupação de companhia; joga com competição, para estimulo á sua actividade; é então collectivo, mas as creanças não formam grupos.

O DESENHO E O TRABALHO MANUAL

A arte tem o seu berço ainda na idade pré-historica. Na epocha paleolithica — idade da pedra — o homem primitivo, habitante das cavernas, já possuía idéas de ornamentação.

A primeira pedra em que apparece a arte humana, é uma placa onde se vê desenhada uma cabra montez, representados os chifres confusamente e claramente a cabeça e a parte anterior do corpo do rhinocerante gigantesco, com chifres de enormes proporções, como deviam ser os animaes daquelle tempo. Essa pedra foi encontrada em excavações e se acha conservada em um museu.

Vemos, então, que a sensação do bello preoccupou a humanidade desde o berço.

3.* — As creanças se agrupam em partidos e o jogo obedece a leis e regras; neste caso, ha competição.

Nos jogos de competição a professora precisa ter muita habilidade em guial-o, porque pôde produzir o egoismo, a inveja, e emfim, despertar sentimentos maus nos alumnos. Estes são dados com o fim de estimular a colaboração de todos para uma causa unica; são, portanto, vantajosos e de utilidade para a vida futura da creança.

Conceição, 10 de junho de 1934.

Anna Andrade.

Os nossos selvagens, artistas natos, talvez pela influencia da nossa exuberante natureza, ornamentavam não só os seus objectos de uso, como o proprio corpo. Nenhuma tapuia que se prezasse acceptaria um noivo que não soubesse pintar-se caprichosamente. Tambem os guerreiros o faziam em vespéras de combate.

Excavações realizadas na ilha de Marajó deram em resultado o encontro de grande variedade de objectos de ceramica indigena, ornados com os mais interessantes desenhos e que têm servido aos nossos artistas para creações de grande belleza e valor.

Esses desenhos deram origem ao estylo marajoara.

Um artista nosso organizou, no

Rio, no anno passado, uma exposição exclusivamente com motivos marajoaras, que causou enorme successo.

A Escola de Aperfeiçoamento enviou para a Feira de Amostras em S. Paulo, em setembro p. p., trabalhos bellissimos nesse mesmo estylo, principalmente em ceramica, que foram muito apreciados na capital paulista.

Methodologia

A methodologia do desenho está no primeiro plano de interesse para os pedagogos e artistas.

Parece que o desenho cresce cada vez mais na apreciação dos pessoas que se dedicam ao ensino e pôde ser considerado como uma das maiores conquistas pedagogicas, attribuindo-se-lhe tambem valor educativo, e não somente technico, como até agora. É considerado uma actividade util, correspondendo perfeitamente ás exigencias da escola nova, servindo para acompanhar as aulas de geographia, historia, etc.

A sua importancia didactica é indiscutivel. Aquillo que o alumno desenha, observa com mais attenção, corrigindo assim as imagens falsas, e o apprendizado deixa de ser verbal para ser visual e activo.

A sua maxima importancia é fornecer á creança uma segunda maneira de se exprimir, pois sabemos que elle é uma linguagem, e linguagem universal, que pertence a todos os idiomas.

Á expressão verbal, com o de-

seenvolvimento da creança, torna-se cada vez mais abstracta. No desenho, porém, é ella obrigada á expressão concreta, por meio da qual representa seus sentimentos e pensamentos artisticos.

Deve, portanto, ser considerado sob esses dois aspectos: a expressão ideographica do pensamento e a representação physio-plastica do objecto. Tem elle grande valor sobre a formação da vontade e desenvolvimento da observação.

Em muitos alumnos desperta o interesse, os sentimentos estheticos e o amor ás artes.

Actualmente a methodologia do desenho muito se afasta da antiga, embora seus principios ainda não estejam de accordo com o progresso moderno. Falta uma organização scientifica, uma analyse criteriosa do desenho infantil.

A maneira typica com que a creança desenha em diferentes edades, conhecemola apenas pelos seus resultados, enquanto a sua attitude mental no acto é ignorada por quasi todos os professores. É por isso que exigem mais do que ella pôde fazer: exigem trabalhos artisticos e correctos.

A maioria dos professores ignora em que consiste a differença individual para o desenho e daí os erros commettidos. Aqui, mais do que em outros ramos, o ensino deve ser individual. Elle não é apenas uma reprodução da memoria, mas uma produção, uma criação individual que

se manifesta nos mais simples traços.

Vários psychologos, entre os quaes Neuman, Stern e Luckens fizeram experiencias no sentido de estudar a attitude da creança quando desenha; foram ellas agrupadas do seguinte modo:

1.º — Desenvolvimento do desenho na creança e analyse psychologica do mesmo.

2.º — Analyse da capacidade e das aptidões individuaes para o desenho e a modelagem e o seu modo de se manifestar.

3.º — O interesse pelas gravuras, quadros, esculpturas e outras representações artisticas, bem como a comprehensão dos mesmos.

Nesse ensino a cultura esthetica do professor é indispensavel.

Quasi todas as creanças desenhavam em suas horas de ociosidade. E preciso aproveitar essa inclinação natural, sem o empenho absurdo de começar pelo ensino systematico das linhas. E' de grande proveito o desenho espontaneo, considerando-se como ponto de partida o que brota naturalmente do engenho infantil. Si chegou a occasião de dar temas, tirem-nos das suas proprias experiencias, daquillo que já viram, de cousas muito conhecidas e familiares.

O papel do professor é levar as creanças ao conhecimento dos seus erros mais sensiveis, geralmente de proporção e fórma.

Até o 2.º anno não se falar em linha, sombras, perspectiva, estylização, etc.

A perspectiva do alumno será até entao unicamente a sua observação.

O que se deve conseguir com esse estudo, não se falando nas oportunidades educativas e desenvolvimento do gosto esthetico, é — aperfeiçoar a expressão graphica, despertar sempre o espirito de observação, cultivar o e mantel-o, respeitando as tendencias de cada um.

Não é necessario copiar. A natureza nos fornece os mais variados motivos: fructas, flores, hortaliças, etc. Escolher de preferencia os mais simples.

Devemos habitua-las a reproduzir o que viram, por meios claros e honestos, sem enganar nem confundir. Trabalhar sem idéas preconcebidas e com desejo de fazer as cousas do melhor modo possivel.

Examinar seus trabalhos com olhos pedagogicos, não lhes dirigir palavras desanimadoras, ainda que o trabalho seja muito imperfeito. Póde talvez acontecer que uma unica palavra faça perder o interesse para sempre.

Lembre-mos que o maior portento da humanidade não aprendeu a escrever em um só dia nem de uma só vez. Sendo o apprendizado do desenho mais difficil, naturalmente levará mais tempo.

Demos asas á phantasia da creança; deixemos que erie, invente e póde bem ser que assim procedendo tenhamos concorrido para a formação de um grande

artista que venha mais tarde a ser uma gloria nacional.

Quando o alumno attingir o 3.º anno, vamos buscar na Geometria a fonte inspiradora.

Serão empregados pontos, linhas, etc., formando desenhos decorativos que tanto embellezam pela symetria, repetição e alternância, que são os principios geraes que os regem.

A combinação de côres dará o senso esthetico.

Para o 4.º anno, desenho geometrico e natural combinados, composições, etc.

Não é, e nem póde ser pretenção da escola primaria, formar artistas. Para isso temos as escolas de Bellas Artes. Porém, o alumno que vem desde o inicio sabendo crear, inventar, compôr, chegará talvez a produzir trabalhos de grande valor.

Trabalhos manuaes

Na escola nova o regimen de vida e trabalhos em communum pede tambem a realização de sentimentos e sensações em communidade na vida social. Ora, a arte é social porque tem a sua origem e o seu fim na sociedade real e assim pelos interesses que acarreta, assume uma função socializadora.

Só isso bastaria para justificar sua applicação em nossas escolas.

A excepcional importancia do desenho e trabalhos manuaes está ainda baseada no principio de "apprender fazendo", de que nos fala Dewey, plenamente justi-

ficado pela propria natureza da creança. Estes trabalhos contribuem para dar gosto pelas construcções e expansão á actividade traduzida pelos seus movimentos, constituindo um factor poderoso para o desenvolvimento physico e intellectual, observação, comparação, imaginação; estimulam a iniciativa, concorrem para a satisfacção das necessidades pessoas, do seu desejo de construir, imaginar e inventar.

E' falha a educação que não aproveita as poderosas inspirações da arte em seus aspectos re-creativos e educativos. A educação popular deve procurar nella um dos mais poderosos instrumentos de formação moral e espirital.

Platão já falava nas estreitas relações da moral e da arte, pois, a harmonia e o gosto, entrando cedo na alma infantil, levam consigo a graça e a virtude.

Comenius, Rousseu e Pestalozzi já tinham idéa de introduzir o trabalho manual na escola, mas a sua introdução nos programmas escolares é relativamente moderna. Os povos do Norte da Europa foram os primeiros a lhes imprimir uma feição educativa.

A escola não tem por fim dar á creança um officio, porém hábitos, attitudes e habilidades que lhe facilitem o desenvolvimento de suas actividades diarias.

Além das mãos, educa-se o raciocinio, a intelligencia, o gosto, a paciencia, a exactidão.

Para satisfazer a tendencia ul-

litaria e pratica, poderá o professor dar encadernação, costura, carpintaria, modelagem, etc.

Costura — A costura convém mais ao sexo feminino. As dificuldades do ensino devem ser organizadas em series. Os pontos communs e de adorno devem ter sua applicação pratica, bem como o serzido, remendos, bainhas, pregamentos de botões, etc.

A creança se sentirá satisfeita sabendo-se capaz de alguma cousa. Nas diversas confecções entram a intelligencia, o raciocinio e mesmo a personalidade de quem as executa. Devem ser então applicados os motivos da aula de desenho. Então a creança sentirá o estímulo desejado, producto do seu proprio esforço.

Carpintaria — Além dos valores geraes dos trabalhos manuaes, a carpintaria constitue um verdadeiro exercicio physico. O interesse pelo trabalho de madeira pôde constituir, com a introdução do entalhe, um optimo exercicio de paciencia. Neste trabalho salienta-se o valor da comparação feita pela creança.

A construção de objectos caseiros ou escolares, como sejam: cofres, bandejas, estantes, mesas, canetas, etc., darão ao professor diligente optimas oportunidades educativas, despertando o interesse, que se communica ás outras materias, além de contribuir para o bem estar do alumno.

Modelagem — A modelagem, por ser um trabalho artistico,

pôde ser um grande factor da cultura esthetica.

Satisfaz a necessidade de expressão e as differenças individuais. E' aqui onde mais se revela a personalidade da creança, tendo o professor oportunidade de conhecê-la e, ainda, guial-a, corrigil-a, desenvolvê-la.

Os conhecimentos adquiridos através das aulas de sciencias naturaes e geographia, serão melhor confirmados e despertarão melhor interesse reproduzidos em argilla. E' preciso grande vigilancia do professor auxiliando a creança a remover suas difficuldades, senão haverá o periodo do desanimo e perda de interesse.

Dobradura — O trabalho de dobradura, ideado por Froebel, muito pôde auxiliar a Geometria e a Arithmetica.

A confecção de pastas, caixas, etc, são exercicios valiosos, practicos e muito educativos, quando bem utilizados. A gradação das difficuldades, bem como o fim a que se destina o trabalho, devem ser levados em linha de conta.

Emfim, os trabalhos manuaes realizados nas escolas primarias devem ter um cunho pratico e economico, obedecer ás condições e necessidades do meio escolar e contribuir para o desenvolvimento integral das creanças.

Alzira Candida da Silva, professora de trabalhos manuaes do Grupo "Daniel de Carvalho".

Conceição, 2/6/1934.

Estatística escolar

Ruy Barbosa, em um dos seus luminosos pareceres sobre Instrução Publica, declarou que "não ha progresso intelligente e firme, em Instrução Publica, sem uma boa estatística escolar".

A Estatística, notadamente a educacional, vinha sendo completamente descurada em todas as manifestações da collectividade.

Não fosse a pertinacia de alguns apaixonados batalhadores pelo seu desenvolvimento, ella, ainda hoje, estaria relegada a plano inferior.

Ultimamente, porém, as actividades estatísticas vêm sendo coordenadas com mais boa vontade, não só por parte dos governos, como dos particulares.

O Chefe do Governo Provisorio, ao assumir o posto que occupa, declarou-se "convencido de que todo o esforço de reergimento da nacionalidade dependia, fundamentalmente, dos rumos a da intensidade que assumisse a politica educacional, pois que, sem o levantamento do nivel de cultura intellectual e moral do povo, toda a obra de civilização fracassaria, ou teria resultados insignificantes e sem profundidade".

Preliminarmente, urgia conhecer o alcance da obra que se vinha realizando e só com o levantamento de estatísticas rigorosas e criteriosas, ficavam os governos da União e dos Estados sufficientemente conhecedores da situação em que se achava a educação do povo.

Para isso o Governo Federal firmou com os Estados o Convenio Estatístico de 1931, obrigando-se o Estado de Minas Geraes, um dos signatarios, a executar, em intima co-operação com o Ministerio da Educação, todos os serviços de estatísticas educacionaes e connexas.

Entre os Estados da Federação, Minas caminha na vanguarda e a sua politica educacional, orientada pelos pro-

cessos mais modernos, vem repercutindo admiravelmente em todos os sectores cultos do paiz.

E a estatística educacional, nas suas complexas modalidades, é um verdadeiro thermometro, por onde melhor se pôde aferir o progresso das actividades educacionaes.

Até bem pouco tempo, em virtude da multiplicidade de processos adoptados, não era possível comparar o movimento educacional dos Estados; agora, porém, com a uniformização das estatísticas educacionaes, podemos confrontar o gráo de desenvolvimento da educação nas unidades politicas do paiz, e figurarmos tambem, ao lado dos demais paizes civilizados.

No nosso numero 102 de maio ultimo, publicámos um trabalho, no qual o Estado de Minas figura com merecido destaque. Entretanto, a nessa situação poderia ter sido ainda mais destacada, si não tivesse havido algumas falhas na collecta de dados da estatística de 1932.

Os trabalhos relativos ao anno 1933 ainda estão sendo processados e para que fiquem ultimados com a urgencia necessaria, torna-se imprescindível a decidida cooperação do professorado mineiro, tão solícito em prestar o seu concurso a todas as causas da educação.

Ao professor mineiro, intelligente e culto, e sobreudo patriota e abnegado, fazemos um caloroso appello, afim de que attenda com presteza ás sollicitações de dados que lhe forem feitos, preenchendo cuidadosamente os formularios respectivos.

Em caso de duvidas, ou de necessidade de esclarecimentos, deve ser consultado o Delegado do Ministerio da Educação junto á Secretaria da Educação, e que aqui se encontra orientando os serviços de estatística educacional.

A correspondencia relativa á estatística escolar nada paga no correio, gozando de tranquia postal, de accordo com o decreto federal 21.645. Para obter os favores da franquia bastará que se escreva na sobrecarta, ao alto, as palavras: — "Convenio Estatístico" — Franquia Postal — Decreto 21.645.

As modificações á reforma do ensino

Oscar Arthur GUIMARÃES

O Governo do Estado, por decreto de 31 de agosto findo, approvou novas modificações aos regulamentos do ensino primario e normal.

Inserve-se, desse modo, um capitulo novo a mais na historia da renovação pedagogica em Minas Geraes, desde que a reforma Antonio Carlos-Francisco Campos abriu o passo que deveria conduzir a nossa escola a novos rumos e a mais amplos horizontes. Um passo avançado e gigantesco na direcção das novas conquistas scientifico-pedagogicas foi aquella reforma, que se assentou nas bases da psychologia moderna.

O espirito clarividente do legislador de então previa, com segurança e acerto, que seria demorada a execução da reforma, que seria necessario decorrer um periodo razoavel de transição e de accommodação, antes que produzisse frutos apreciaveis, muito embora se pudesse contar, desde logo, com a competencia, a dedicacão, o zelo e o entusiasmo do professorado mineiro.

Ter-se-ia que contar tambem, — e dahi a justificativa das modificações á reforma, — ter-se-ia que contar com as necessidades supervenientes de ajustamentos e desbastes no plano inicialmente concebido, tendo como determinante a passagem, que se ia operar, "das idéas ás realizações".

As medidas subsidiarias parciais que os dispositivos regulamentares recentes consolidam, ampliando e ajustando melhor, não alteram e nem desviam o plano inicial da reforma Antonio Carlos-Francisco Campos; não a deturpam no seu arcabouço e na sua estrutura; não a revogam nas suas linhas mestras geraes; antes, a consagram e accentuam. Vae nisso o espirito atilado e a clarividencia do novo legislador, o que a justiça manda assignalar.

Orientaram-se os dispositivos do regulamento de 31 de agosto ultimo, na pratica viva da execucao da reforma, como se observa nos casos concretos abordados. Visaram possibilitar a reforma cada vez mais na sua integrao e na sua adaptacao ao meio. Visaram, ainda mais, ajustar, fixando e definindo melhor, os aspectos technicos da administracao, direcao, orientacao e fiscalizacao do ensino.

Assim e que se encontram alli dispositivos que regulam a divisao do trabalho na Secretaria, como motivo de separacao de funcoes e atribuicoes de ordem technica e administrativa; a creacao dos cargos de Auxiliar Technico do Secretario, e de Sub-Director da Secretaria, aquelle, immediato auxiliar do Secretario, na direcao, orientacao e coordenaao dos servicos technicos, este, auxiliar immediato do Director nas providencias de ordem administrativa; e a regulamentacao do Corpo Technico de Assistencia ao Ensino como orgao technico pedagogico da Secretaria.

Nesse proposito ainda, e que se regulamenta a "Revista do Ensino", a Bibliotheca e Museu Pedagogico do Estado, e se introduzem as modificacoes no Servico de Inspecao e Assistencia Technica do Ensino.

Do ponto de vista da organizacao e orientacao didactica, classificam-se as escolas e os cursos; delimita-se nesses a distribuicao das materias; regula-se o processo de matricula, frequencia, promocoes e exames; reforcam-se os cursos geraes de aperfeicoamento; criam-se cursos novos, intensivos, de aperfeicoamento e de especializacao, cursos de ferias e cursos especiaes para religiosas; fixam-se direitos e garantias decorrentes da formatura nos diversos cursos; melhora-se e amplia-se o aparelhamento de controle, de fiscalizacao e de orientacao do ensino. E, finalmente, do ponto de vista dos direitos e garantias do pessoal do ensino, ampliam-se os rumos traçados na reforma para a carreira profissional no magisterio, estabelecem-se normas para ingresso e promocao aos varios cargos, regulam-se as funcoes, os direitos e as garantias de cada um.

E todas essas modificacoes, esses acrescimos accesso-

rios, esses ajustamentos, vem inspirados, como se pode observar, no desejo sincero e leal de servir melhor a causa da reforma, nos seus aspectos geraes de organizacao e orientacao didactica. Isso mesmo tem declarado, leal e francamente, o actual Secretario da Educacao, dr. Noraldino Lima, nas justificativas com que tem fundamentado, perante o Governo do Estado, as modificacoes parciais que vem introduzindo na reforma do ensino.

Objectivos dessa ordem e propositos assim consubstanciados, longe de denunciarem inquietude e incerteza, duvidade e falta de firmeza, provam authenticos e louvaveis esforcos dos dirigentes dos negocios da educacao em Minas, provam sadias preoccupacoes e empenho sincero de fazer sentir a accao do Estado no sentido de amparar e proteger a obra magnifica da reforma escolar, com o objectivo de impulsionar os anseios de progresso na preparacao das geraoes futuras.

Bello Horizonte, setembro de 1934.

OSCAR ARTHUR GUMARAES

PALAVRAS DE MESTRES

O horario escolar e elastico: — uma vez que o tacto didactico do mestre sente, na classe, esta ou aquella conveniencia, alonga ou encurta o tempo, da mais ou menos materia. E' um guia movel, dir-se-ia intelligente, que se adapta sem violencia e nunca se mutila, porque a licao, que hoje se prejudica de minutos, beneficia-se amanha com tempo igual ao que a outra foi augmentado. Assim comprehendido, o horario das escolas primarias e util, e necessario, e indispensavel.

João TOLEDO

Os trabalhos manuaes e sua funcção na Escola Primaria

Aurea LAMBERT

Palestra realizada no Grupo "Thomas Brandão", da Capital.

Devo dizer primeiramente que vou tratar dos trabalhos manuaes de fôrma fuito simples. Não os estudarei através da sua historia ou da historia da pedagogia. Elles se enquadram bem dentro de todos os systemas pedagogicos, razão por que não defenderei a sua existencia e nem direi da necessidade da sua permanencia nos methodos e processos de ensino. Todos estamos accordes em que os trabalhos manuaes não devem constituir materia à parte, e, sim, que constituem de facto um meio educativo.

Dilo isso, passo a desenvolver o meu ponto de vista, que — como disse — será dado de fôrma simples, como simples me julgo entre as minhas presadas collegas.

A metodologia de Decroly estabelece uma divisão de trabalho mental de veras interessante. Assim, um plano de lição deve obedecer, em linhas geraes, a tres phases: a da *observação*, a da *associação* e a da *expressão*.

Ila, ao que parece, um certo formalismo na marcha do trabalho, um formalismo que foge (ainda ao que parece) á lei primacial em pedagogia — a lei do interesse, aquella em que as reacções da apprendizagem marcam o caminho a seguir.

Todavia, tudo está na habilidade do mestre, como, aliás, tudo em pedagogia depende da personalidade do professor.

Para a devida localização dos trabalhos manuaes no quadro da pedagogia moderna, a divisão de Decroly é boa. Senão, vejamos: pela *observação* a creança põe os seus sentidos em contacto com as cousas: vê, apalpa, cheira, come, etc. Em seguida, pela *associação*, a creança correlaciona os conhecimentos adquiridos, isto é, correlaciona as observações do momento com as observações ou conhecimentos do passado, correlações que se fazem no tempo ou no espaço. E, finalmente, pela *expressão*, a creança exterioriza, traduz, mostra os conhecimentos adquiridos — e mostra pela linguagem falada ou pela linguagem escripta ou por qualquer outro meio de linguagem.

E' precisamente nesta phase do processo mental que se enquadram os trabalhos manuaes. Dahi se vê que os trabalhos manuaes completam o trabalho de classe: a lição que a professora de classe iniciou (e eu digo lição para deixar mais claro o meu pensamento), a lição que a professora de classe iniciou só vem ter o seu termo, o seu ponto final, nas aulas de trabalhos manuaes. Ahí, então, a creança vem exprimir tudo quanto observou, tudo quanto apprehendeu a sua intelligencia, tudo quanto o seu cerebro assimilou.

Vejamos, porém, um exemplo: uma lição sobre a cenoura:

Observação — Mostrar uma cenoura. Côr, fôrma, cheiro, sabor. Cortal-a transversalmente, longitudinalmente. Comparar com figuras geometricas.

Associação — A posição em que se encontra a cenoura na terra. Comparar com a batata, com o nabo, com o rabanete, etc.

Expressão — Desenhar e colorir a cenoura e sua rama. Modelagem.

Ora, as duas primeiras phases são feitas na classe, quando a professora porá em jogo a linguagem, a geographia, as lições de cousas, a hygiene, as sciencias naturaes, a arithmetica, etc.; mas a parte final, que é o extracto, por

assim dizer, dos conhecimentos adquiridos, a parte final estará a cargo dos *trabalhos manuaes e desenho*.

Isso, na methodologia de Decroly.

E assim, no decorrer de todos os programmas, do 1.º ao 4.º annos, cabe á professora de trabalhos manuaes encerrar com o desenho, com a modelagem, carpintaria, etc., o trabalho desenvolvido pela professora da classe.

Dessarte, se verifica que os trabalhos manuaes são, simplesmente, meros complementos dos trabalhos de classe. Da professora de classe deve partir todos os planos, todos os programmas dos trabalhos manuaes.

E de outra fôrma não podia ser, desde que a funcção dos trabalhos manuaes na escola moderna é a funcção de *meio educativo*, isto é, de auxilio, de ajuda da aprendizagem. Os trabalhos manuaes não são um *fim*. Não se tem a modelagem para fazer do menino um esculptor; nem sequer fazer da carpintaria uma officina formadora de carpinteiros ou marceneiros. Alli — nos trabalhos manuaes — as creanças vão pôr em fôrma concreta aquillo que os seus cerebrosinhos conceberam. Viram pela mão da professora uma cenoura amarella, presa ainda aos seus ramos verdes. Viu-a partida, desta ou daquella fôrma. Observou bem a sua estructura interna, os seus tecidos. Pois bem, as suas mãos desageitadas, ás vezes, traduzirão no papel aquillo que lhes feriu a retina. Os seus dedos pequeninos modelarão na argila a fôrma conica da raiz, assimilando assim a fôrma geometrica. A obra não ficou bonita. E' natural: não se quiz mesmo fazer trabalho de arte. Quiz-se, é certo, pôr em actividade uma funcção psychologica — a memoria graphica.

Já se foi o tempo em que as mães viam nos trabalhos de agulha (quasi sempre nos trabalhos de agulha) um dos fins ou o fim unico dos trabalhos manuaes feitos na escola. A professora tinha que ensinar a creança a fazer toucas e sapatos, palitós e toalhas, que logo eram rifadas ou vendidos de porta-em-porta. Felizmente, isso, hoje, são para nós gostosas recordações de nosso passado . . .

Mas, deixemos bem claro que a divisão dada por Decroly (observação, associação e expressão), bem como o exempló concreto da lição sobre a *cenoura*, então apenas nesta conversa como fontes de elucidação.

E' verdade — e nisto faço questão de deixar a minha opinião — que a orientação dos trabalhos manuaes está na dependencia das lições da professora de classe, tendo-se em vista que os trabalhos manuaes têm a funcção de *meio educativo* e não a de *finalidade educativa*. Dados isoladamente, os trabalhos manuaes não poderiam associar-se ás varias disciplinas, e de *meio educativo* elles se tornariam forçadamente em *finalidade*. E' verdade que a professora de trabalhos, si habil, pôde desenvolver um trabalho isolado pleno de resultados educativos, como seria, por exemplo, num *projecto*; mas, além de não ser essa a sua funcção, si isso se desse, a interdependencia das classes prejudicaria a boa ordem dos trabalhos da escola e sobreviria talvez uma sobrecarga anti-pedagogica para os alumnos. Nem é preciso insistir nisso, tão grandes os inconvenientes a observar-se.

*

Nos trabalhos manuaes, como aliás em todo o campo pedagogico, a aprendizagem está subordinada á lei do *interesse*. Sem interesse não ha aprendizagem, diz João Toledo. A professora de trabalhos precisa pôr a sua didactica debaixo do mesmo prisma, e despertar o interesse em seus alumnos, quando, por ventura, o interesse já não venha cheio e fecundo da classe. Si o interesse já vem firme e franco — cabe á professora de trabalhos apenas acoroçoal-o, dar-lhe mais vigor, não deixal-o esmorecer. Si a tarefa vem, entretanto, por executar; si vem "como motivação" apenas — cabe á professora de trabalhos, com arte e habilidade, despertar o *interesse* dos alumnos para as finalidades desejadas ou propostas.

*

Outra orientação não pôde dar aos trabalhos o Methodo de Projecto, que é, sem duvida, um dos systemas mais de-

envolvidos pela escola americana. Não vou aqui, é claro, tratar da methodologia do Methodo de Projecto. Isso não está na minha alçada, porque o sapateiro não deve passar dos sapatos . . .

Mas, das características mais accentuadas do chamado Methodo de Projecto, se infere que os trabalhos manuaes, ao contrario do que se observa no methodo de *Centros de Interesse*, estão todo momento em jogo, á mercê das necessidades do projecto e do interesse dos alumnos.

Lembremos que no methodo de Centros de Interesse (Decroly) os trabalhos manuaes, como meio de Expressão, vêem mais commumente no fim dos exercicios e do trabalho mental. No Methodo de Projecto tudo está na dependencia do projecto, ou melhor, os trabalhos manuaes seguem parallelamente os trabalhos das varias disciplinas, ou, ainda, são os trabalhos manuaes o eixo de todo o projecto.

Aliás, alguns autores chegam a dividir os projectos em Projectos Intellectuaes e Projectos Manuaes, tão evidente é a acção dos trabalhos manuaes nas suas finalidades ou nos seus meios. Nuns e noutros, entretanto, os trabalhos manuaes constituem meios indispensaveis ao seu desenvolvimento. Tome-se para exemplo o telephone para um projecto. Estude-se a sua historia, o seu mecanismo, o seu progresso através da sciencia e da historia, o papel que elle desempenha na economia, na cooperação, nas relações commerciaes, no intercambio universal, os seus differentes modelos, etc. Ahi está um projecto intellectual, ao qual, entretanto, os trabalhos manuaes prestarão reaes serviços.

Tome-se, porém, o telephone por outro prisma: a sua construção immediata, as suas experiencias, o seu uso, a sua instalação de uma classe para outra, etc., e ahi teremos um projecto manual. Neste, os trabalhos manuaes serão o eixo do projecto: a construção e a instalação do telephone no Grupo. Naquelle, apenas o seu estudo.

Duas características do projecto merecem, entre outras, especial menção para o trabalho manual: a situação problematica, isto é, dependencia de problemas e o ambien-

te natural. Menciono, porque ambas favorecem o trabalho da professora de classe, uma vez que os problemas são formulados com o objectivo de resolução, cousa para a qual a professora de trabalhos é chamada com antecedencia; e uma vez ainda que, em ambiente natural, sem artificio, os trabalhos manuaes se desenvolvem com maior facilidade.

*

Finalizo com estas opiniões, que não são minhas: na escola moderna não basta saber de que são feitas as cousas. Cumpre saber como são feitas e cumpre fazel-as. Para Ferriére, os trabalhos manuaes são pedra angular da educação.

AURORA LAMBERT

PALAVRAS DE MESTRES

As tendencias moraes da creança estratificam-se, no apprendizado da historia, ao toque de emoções suscitadas e avivadas por exemplos dos heroes, cujos feitos ella registra. A continuidade dessas emoções, que os exemplos suscitam e avivam, cria, no pequenino, admiração pela bondade, pela firmeza, pela energia, pela coragem, pela abnegação, que elles objectivam. Actos semelhantes, que a imitação determina, praticados na esphera limitada e intima da convivencia na escola e na familia, inicia o educando na conducta que terá no grande mundo, quando moço e quando homem. Mas, esses exemplos têm de impressionar mentes verdolengas, e, para isso, a face dramatica dos acontecimentos deve desenrolar-se em scenario movimentado e quente, sem, contudo, fugir á realidade. As camadas de sentimentos, assim creados, que a palavra do mestre illumina e justifica, sobrepõem-se umas ás outras, na formação da nova individualidade. E tão intimamente se vão ellas unindo na contemplação subjectiva do bello, do bom e do justo, que um bloco de resistencia ao mal alicerça a alma, e esta se faz dynamo de impulsão para o bem.

João TOLEDO

Notas de uma professora

Laurita Romanelli ROSA
(Do Grupo Escolar de Ibiá)

Encontrei, ao ingressar no magisterio, em 1930, uma classe de 70 alumnos, completamente heterogenea, sem poder, portanto, tornar o ensino simultaneo e lutando a todo o instante, contra a força das circunstancias, que me obrigavam a procurar um meio qualquer que me fizesse sair de tão melindrosa situação. A maioria da classe era composta de creanças repetentes, achando-se algumas matriculadas ha 3 annos, cursando todas o 1.º anno analfabeto. Procurei, como me foi possível, resolver esta difficuldade, pois o governo não crearia cadeiras antes da instalação do Grupo, que se achava em construcção. Critica era, pois, minha situação. Urgia que eu recorresse aos processos mais efficientes, nos quaes pudesse encontrar solução para o meu caso. Li e reli varios tratados sobre os processos que melhor se adaptassem ao meio. Porém, fracassaram todas as minhas tentativas. E' bem sabido que, para bõa organização escolar, deve haver homogeneidade, numero maximo de 35 alumnos, para que elles possam assimilar os ensinamentos que lhes forem ministrados, mantendo-se attentos e dispostos ás actividades escolares.

As salas abarrotadas e mal arejadas trazem consequencias funestas, porque a creança, ao entrar, sente-se logo indisposta, mal humorada, sem interesse e afflicta por chegar a hora da sahida.

Em uma dessas salas acanhadas, pobres de ar puro, de paredes sujas, com janellas sem vidraças que nos abrigassem do vento impetuoso do sul ou da chuva, tendo por pateo de recreio a rua, é que os meus alumnos recebiam suas lições.

O exercicio da faculdade da atenção, deve ser consi-

derado como parte essencial da educação, no dizer de William James. Porém, como cultural-a, numa classe de 70 alumnos de edades diferentes, intelligencia e adeantamentos deseguaes? Para attender em parte a toda esta confusão, procurei tornar-me solicita para com as creanças, deixando-as agirem mais livremente. Organizei do melhor modo, a classe. Os alumnos foram collocados por ordem de tamanho, não deixando eu de attender á potencialidade auditiva e visual de cada um. Como a molla real do apprendizado é o interesse, tornei minhas aulas suggestivas, organizando material adequado, illustrando as lições, procurando combater em meus alumnos a timidez, desenvolvendo-lhes o espirito de curiosidade, observação, iniciativa, etc. O meu methodo preferido, foi sempre o intuitivo. Apesar de todos os meus esforços, o meu trabalho não foi coroado de exito. A frequencia era maxima, a minha actividade intensa e o aproveitamento nullo.

Novembro chegou, sem que eu obtivesse resultados satisfactorios. Penso que muitas foram as causas do fracasso, podendo-se salientar a falta de uma melhor organização, o numero excessivo de alumnos, e, pesando tambem na balança, a minha falta de pratica. Inimigo da rotina, seguia confiante e esperançosa, buscando nos livros novas luzes e experiencias que me guiassem no chaos em que me debatia. Assim, passei o anno de 1931.

Assim, em principios de 1932, reuniram-se as escolas, sendo logo transferidas para o predio do grupo. Alguns dias após a sua instalação, recebemos a visita da assistente srta. Leonilda Montandon, que organizou as classes e nos orientou sobre os novos methodos de ensino. Attenta, procurei assimilar e praticar todas as suas instrucções e nos ultimos dias de sua permanencia aqui, pude, para maior gaudio meu, apresentar-lhe alguns resultados que muito a satisfizeram.

O professor Firmino Costa, em uma de suas conferencias aos assistentes technicos do ensino, em 1929, disse-lhes: "Não ides somente colher impressões, ides tambem deixal-as".

Pois bem, logo em seguida ás impressões que me deixou a assistente, senti meu espirito fortificado, parecia ter renascido em mim o desejo ardente de triumphar, de grangear de meus superiores a confiança, para que pudesse alcançar o successo final, convicta de ter bem cumprido o meu dever, desejando de coração concorrer com uma parcella minima, embora, em prol da reforma do ensino.

Em seguida á organização das classes, coube-me o 2.º anno. Faltando alumnos para a formação de um 3.º anno, a directora procedeu a um exame em minha classe, encontrando entre os 35 que a frequentavam, 18 passíveis de promoção. Com elles, segui ao 3.º anno. Comecei então a pôr em pratica o meu plano de trabalho, que foi o seguinte:

1.º — Institui o systema de divisão da classe em grupos, dirigidos por um "leader".

2.º — Organizei meus planos de lição, correlacionando quanto possível as materias, introduzindo diversas actividades e applicando jogos educativos, de tudo colhendo bons resultados.

3.º — Realizei varias excursões, bem motivadas e com planos previamente organizados.

4.º — Controlei, por meio de frequentes questionarios, o aproveitamento da classe.

5.º — A minha preocupação, emfim, foi manter a classe sempre activa e interessada, o que pude conseguir satisfactoriamente. Em novembro, 10 desses alumnos que vieram do 2.º anno, foram promovidos ao 4.º. Acompanhei a classe.

Nesse anno, as actividades se multiplicaram. Fundouse o clube de leitura "Leonilda Montandon", em homenagem á assistente, que nos auxiliou nessa sua organização. Conseguiu uma interessante bibliotheca, tendo os alumnos adquirido muitos livros, por meio de cartas ás pessoas da localidade. Fizeram muitos outros, colleccionando historietas, notas sobre geographia, sciencias, historia, poesias e curiosidades tiradas de jornaes e revistas.

O trabalho de selecção foi feito com grande criterio,

sendo muito proveitoso á classe. Fundou-se o "Ibiá Infantil", orgão noticioso.

Foram varios os auditorios realizados pela classe. As excursões muito concorreram para a formação de habitos sociaes e lhes attribuo ainda o desenvolvimento da lingua-sem oral e escripta de meus alumnos, o que pude verificar, através de seus relatorios.

Em sua ultima visita, a sra. Assistente poude constatar os bons resultados de sua orientação, que me guiou á victoria final, da qual pude fruir orgulhosa e feliz, quando vi approvada, com as melhores notas, a pequena e valente turma que concluiu o curso primario o anno passado.

Ibiá, agosto de 1934.

LAURITA ROMANELLI ROSA

PALAVRAS DE MESTRES

Sem castigos corporaes nem temores de nenhum genero, conformando-se simplesmente ás leis da natureza e appellando para motivos legitimos, pode fazer-se que as creanças dominem suas inclinações naturaes sem que percam a viveza e a alegria proprias da infancia. Procurae promover a sua felicidade, correr em auxilio de todas as suas aspirações razoaveis; dai-lhe oportunidade para os brinquedos innocentes de seu espirito exuberante, e vereis como a creança consegue o dominio sobre si mesma e continúa sendo, comtudo, disposta, activa e livre.

REV. CANON DANIEL

A travessia do rio

Lemyra LOBUGLIO
(Professora do Grupo Escolar "José
Braz", de S. João Nepomuceno)

Hoje, na classe, formaremos um jogo: — "Travessia do rio". Em palestra falaremos primeiramente sobre rios, margens, etc. Depois, a classe será dividida em dois partidos, e as creanças se collocarão do lado esquerdo da minha mesa; ella representará o rio. Espalharemos no *leito do rio* diversas fichas com palavras faccis de leituras anteriores; estas fichas representarão pedras. O partido que primeiro atravessar o rio, pisando firmemente nas pedras, sem escorregar, será o vencedor.

A creança, para fazer o trajecto, só saltará de uma pedra para outra, si ler bem as palavras de cada uma dellas; do contrario, escorregará e cairá n'agua. Só será salva quando todos os companheiros estiverem do lado opposto, e, para isto, ella propria chamar um collega para ensinar-lhe as palavras que não souber.

Considerações

Logo de inicio, conforme previa, consegui o interesse de toda a classe para o *jogo* que lhe havia promettido na aula anterior. O ambiente emprestado á aula, pela palestra divertida, entretida entre mim e as creanças, e, essas, umas com as outras, os commentarios cheios de chiste havidos, foram, sem duvida, a causa dos proveitosissimos resultados colhidos com a pratica do *jogo*, que intitulei: — "A travessia do rio", — na aula de leitura e escripta, globalizadas. As noções indispensaveis á pratica do *jogo* foram entremeadas com outras, referentes á significação dos vocabulos empregados, idéa de rios, margens, utilidade dos rios, importancia do elemento "agua", etc.

Para a realização do jogo, dividi a classe em dois grupos ou "teams". O unico material empregado foram fichas recortadas por mim em papelão, com a ajuda das creanças, tendo cada uma dessas fichas, que eram consideradas *pedras*, uma palavra escripta e tirada das lições anteriores.

A primeira creança chamada pelo numero que lhe foi dado, ao cabo de uns dois minutos, saltou as 25 pedras e viu-se victoriosa na *margin direita do rio*, o que quer dizer que leu os nomes escriptos ou pisou com segurança em todas as *pedras*. A quarta, setima e nona, cahiram n'agua, logo no inicio da travessia, com grande magoa para os do seu grupo e visível satisfação dos contrarios. Todas as demais conseguiram, no meio de grande entusiasmo, uma brilhante victoria. Veiu em seguida o *serviço de salvamento*. Cada afogado pedia auxilio ao companheiro, que mais confiança lhe inspirava e, assim, conseguiram o que os outros já haviam feito: a travessia do rio.

O entusiasmo e a animação dos pequenos foi tal que adoptei o mesmo jogo na aula seguinte, que era de Arithmetica, apenas trocando as fichas por outras contendo numeros e com as quaes as creanças realizaram variadissimas combinações e resolveram diversas questões que lhes foram dadas. Os resultados foram os mais satisfactorios, graças á attenção despertada e ao interesse provocado dos pequenos, interesse tão intenso que esses se mostraram pesarosos quando lhes lembrei a necessidade de darem por findos os jogos em que todos tomaram parte activa e ruidosa.

LEMYRA LOBUGLIO

Pedimos permuta a todas as publicações
congeneres dos Estados e do estrangeiro

Adolphe Ferrière e a escola activa

G. Lombardo-RADICE

(Prefácio á traducção italiana de "L'ECOLE ACTIVE", traduzido do francez pelo professor Wolfgang Apfel)

O curto espaço concedido a uma apresentação não nos permite senão uma noticia um pouco resumida (adiaremos para outra occasião um estudo que Ferrière merece, e desejaríamos apenas ser capazes de o fazer) da actividade do autor que, si se tratasse de um outro, daria materia a um capitulo inteiro de seu livro sobre a *Escola activa*.

O que a modestia impede ao autor fazer, é-nos um dever. Dever tambem de exprimir ao escriptor celebre o reconhecimento que nós, italianos, lhe devemos por sua participação affectuosa e continua em nossa vida espirital: por mais de quinze annos, elle se fez propagandista incansavel, nos outros paizes do mundo, das melhores experiencias pedagogicas feitas na Italia.

Quem pensa "escola activa", pensa "Adolphe Ferrière"; quem pensa "Adolphe Ferrière", pensa "escola activa". Desde 1899, elle luta pela renovação da educação, quer como theorico, quer como pratico e organizador.

Ha vinte annos (Ferrière nasceu a 30 de agosto de 1879), elle creou o *Bureau internacional das escolas novas*, Esse bureau tinha por fim "estabelecer relações de auxilio scientifico mutuo entre as differentes "escolas novas", centralizar os documentos que dellas tratem e valorizar as experiencias psychologicas feitas nos laboratorios da pedagogia do futuro". Um anno depois, em 1900, inspirado pelo livro entusiasta de Edmond Desmoullins "Em que consiste a superioridade dos anglo-saxões", Ferrière se fez collaborador de um dos mais genias praticos dos "institutos de educação campestre" (Landerziehungsheime), do dr. H. Lietz, eb Ilseburg e em Haubinda. Ahi trabalhou muito durante dois

annos, como professor, tendo a responsabilidade espirital do grupo dos alumnos difficeis.

A amizade fraternal que o ligou a Lietz o esclareceu sobre os problemas technicos e didacticos particulares á escola, e o habituou a considerar com um espirito religioso mesmo os menores detalhes da acção educativa. Durante toda sua vida, elle foi o que começou a ser aos 22 annos: explorador de escolas, esclarecedor das experiencias dos outros, um theorico não abstracto, que sempre conheceu as realizações mais diversas. Este primeiro encontro salutar o protegeu sempre do espirito de superstição didactica, tão perigosa e infecciosa para todos, pela qual o pratico exaggera o valor das suas "descobertas", e as erige, assim augmentadas, em systema, excommungando quem quer que dahi se afaste. Ferrière, com sua alma sempre moça e uma curiosidade affectuosa, seguiu de perto e de longe a vida de milhares de instituições pedagogicas.

Não ha paiz no mundo que não tenha tido a sua visita, nem escola de algum valor que elle não tenha frequentado por alguns dias, e não numa inspecção fria, mas como professor que se sabe pôr immediatamente em contacto com os alumnos e os educadores, e não detém as suas pesquisas senão depois de ter chegado a uma intimidade completa e cordeal. Aquelle que quizer ver em Ferrière tanto de "descobridor" (descobridor de escolas, descobertas nas quaes, a despeito de toda modestia exterior, elle tem um valor universal), leia as paginas emocionadas que elle consagrou num dos seus ultimos volumes a duas classes italianas: a classe rural de Maria Boschetti-Alberti, em Agno, na provincia do Tessino, e a classe urbana da pobre Virginia Povegliano Lorenzatto, em Roma.

Poder-se-iam escrever varios volumes deliciosos escolhendo entre as innumeradas collaborações de Ferrière espalhadas, nos ultimos trinta annos, pelas revistas pedagogicas do mundo inteiro, sob o titulo "Escolas vistas", e desejamos que esse trabalho seja feito por algum alumno predilecto de Ferrière e que a colheita seja publicada em todas as linguas

cultas da Europa, a titulo de animação, e, ao mesmo tempo, de conselho aos educadores.

Ferrière nunca separou o trabalho de observação da argamassa educativa pessoal. No fim de 1902 (notae bem a data!), elle contribuiu para a criação, com W. Frei e W. Zuberbühler, da primeira escola nova no campo, na Suissa, em Glarisegg; de 1913 a 1920, participou da direcção da escola nova das Pleiades sur Blonay, e, de 1920 a 1921, elle se interessou especialmente pela escola nova de Bex. Ainda hoje, é conselheiro assiduo de numerosas instituições pedagogicas, e quem assistiu, mesmo por pouco tempo, ao seu trabalho, sabe que parte do seu tempo Ferrière consagra á correspondencia com as escolas. São innumeradas as cartas onde elle emprega o mesmo escrupulo delicado e consciencioso que demonstra quando escreve um dos seus artigos mais importantes ou um livro.

Ferrière é um homem que crêa o tempo quando o tempo lhe foge.

De um homem como elle, occupado com relações de collaboração, de protecção, de amor, com centenas de centros de actividades educativas, poder-se-ia esperar uma certa incapacidade de se recolher afim de elaborar suas idéas para os estudos philosophicos e historicos. E' surprehendente, ao contrario, que o viajante infatigavel, o inspector, o conselheiro, o correspondente, o organizador de bureaux de estudos e documentação, o professor, o pae amoroso e o homem activo a aperfeiçoar a sua propria educação, o cidadão preocupado com o bem de seu paiz e attento em promovê-lo, pudesse ter escripto obras historico-criticas bem compostas e luminosas, susceptiveis de dar um solido apoio theorico á actividade pratica e servir de guia áquelles que se encontram em difficuldades.

O systematizador já se affirmava, ha mais de vinte annos, nos seus primeiros trabalhos descriptivos ou praticos sobre Lietz, as escolas novas, a coeducação etc.

Nessas primeiras publicações já se encontra claramente expresso o pensamento central do livro "A lei bioge-

netica e a escola activa" (1910); assim, pôde-se dizer, sem medo de exaggerar, que a primeira iniciativa, na Europa, de uma acção séria de reforma escolar, no sentido da escola activa, é devida a Ferrière.

Elle tinha para isto a melhor preparação possivel, porque a mesma riqueza espiritual da sua mocidade (uma riqueza sadia, feita de uma pobreza alegre, engenhosa, fonte de actividades multiplas), o preservava do perigo de arrastar em especulações abstractas aquillo que era o problema vital de nossa época. Desde a infancia, elle foi o chefe de um bando numeroso de irmãos e primos; aos 14 annos, elle tinha fundado um club alpino, do qual era o presidente e o guia prudente; pintor não mediocre; draumaturgo ao gosto de seus contemporaneos; organizador de uma sociedade litteraria de moços antes de ter alcançado seus 17 annos; poeta; fino amador de musica, e mesmo compositor (é de ver a tristeza suave de seu rosto, quando as creanças de uma escola cantam, porque hoje Ferrière perdeu completamente o ouvido); forte em humanidades, e apaixonado dos estudos scientificos, a ponto de frequentar assiduamente, durante dois annos, o laboratorio de zoologia de Genebra, e de participar com uma *sympathia* filial dos profundos estudos biologicos de seu pae, medico e philanthropo conhecido. Uma mocidade tão cheia pela multidão de seus interesses, dominada por um severo espirito religioso, não podia deixar de dar a Ferrière esta intelligencia profunda das forças creadoras da creança que devia, nas obras da sua madureza, vivificar a idéa fundamental de sua pedagogia: *o respeito á infancia*, e o da sua pratica: *a liberação da infancia*, reunindo as vozes dos grandes iniciadores, Rousseau, Pestalozzi, Fröbel, e associando suas forças ás dos psychologos investigadores dos interesses essenciaes das diferentes edades da infancia, taes como Dewey e Kerchensteiner, e a dos poetas apostolos, como Tolstoï, inclinando a frente pensativa sobre os meninos camponozes da Isnaia Poliana.

Disse "um espirito religiosamente severo", e isto não é uma phrase. Num mundo positivista e de tendencias ma-

terialistas, Ferrière nunca teve medo de escrever o nome de Deus. E' verdade que a sua fé não vai ao lado das religiões positivistas, mas isto não a impede de ser fé, e poderosamente ancorada no espirito.

E ella percebe, com seu senso mystico, mesmo quando recorre a methodos de experimentação psychologica, o fundo divino que existe no homem, e que é para Ferrière a fonte de sua actividade, que alarga a personalidade do individuo e lhe concede o titulo de *peessoa*, isto é, um órgão da vida moral universal. Seria interessante examinar os traços religiosos na obra de Ferrière e a influencia exercida sobre elle por Mazzini, Bergson, Loizy, Blondel, Guyau, na sua mocidade. Talvez se encontrasse a razão por que o aspecto religioso das pesquisas incansaveis e variadas de Ferrière se reanimou e reacendeu nas quentes effusões de suas ultimas paginas.

O progresso espirital leva a crença do egocentrismo subjectivo a Deus! "Deus immanente, Deus transcendente, Absoluto, eis as palavras, os balbucios da ignorancia humana". Procurar Deus pela verdade scientifica é propriamente buscar attingir e refer a lei do universo inteiro em alguma dos milhões de manifestações que o constituem..." Deus passa todas nossas concepções, toda nossa actividade: "Não, nada de religiões sómente da intelligencia: seriam frias. Nada de religiões sómente do coração: seriam um mysticismo óco. Nada de religiões sómente da razão: seriam um pragmatismo que negaria a unidade da razão divina e que não conheceriam nem o recolhimento nem o extase; nem simplesmente a necessidade de consolação: seria unilateral tambem ella. Não, nada de religiões fragmentarias... mas tudo isto junto: uma vida segundo o amor e uma vida segundo o espirito. O esquecimento de si na obra divina..."

Certamente, a parte philosophico-religiosa da obra de Ferrière é a mais discutivel, e comprehende-se que ella tenha suscitado desconfianças e aversões. Mas o respeito de Ferrière para com todas as fórmulas da religiosidade positiva sincera (que representa em todos os casos para elle "experiencias espirituaes, fundamentaes e essenciaes") é tão grande

e sincera que nas suas obras pedagogicas elle tem os maiores escrupulos em não incommodar ninguem. Isto explica o grande successo, que tiveram suas obras, mesmo junto daquelles que, em desacordo com elle, são fieis á sua confissão particular, porém, são conscientes de adquirir, graças a ella, uma mais alta moralidade educativa nas suas relações com a infancia. Desde que para Ferrière o élan da vida vem certamente de Deus, mas que Deus quer collaboradores, desde que "todos os instinctos e todas as tendencias de nosso ser são solidarios e podem sempre adquirir gomens de progresso ou de dissolução, incumbe ao homem a missão de fazer da individualidade uma personalidade verdadeira".

Por isto, o respeito da espontaneidade na pedagogia de Ferrière é sempre acompanhado do dever de vigilancia afim de descobrir toda manifestação de dissolução desde o seu primeiro apparecimento e intervir para educar e salvar.

Tendo lançado as bases theoreticas de uma reforma geral da educação pela obra que já mencionamos: "A lei biogenetica e a escola activa", Ferrière demonstrou, desde 1912 até hoje, uma actividade admiravel para esclarecer e espalhar os principios da escola activa. Foi elle que formulou os principios para a Liga Internacional da Educação Nova.

O programma de acção da Liga está em relação com estes principios.

Em todas as materias de estudo pedagogico de acção pratica, Ferrière é ao mesmo tempo o apostolo e o trabalhador.

Si mencionassemos suas obras mais importantes, não teriamos feito nem a vigesima parte daquillo que é necessario para dar, no dominio da bibliographia, uma idéa de sua capacidade prodigiosa de pesquisa e propaganda. Dellas, só a sua revista "Pour l'ère nouvelle", que elle dirige desde 1922, é uma mina de informações para aquelles que querem seguir as experiencias educativas da vanguarda no mundo inteiro.

Terminando esta modesta noticia, eu me recordo dos dias que passei em Roma, em 1926, com Adolphe Ferrière, e do grande conforto que isto foi para meu trabalho. Aquelles olhos tão vivos, que procuram a alma e dizem o que a linguagem difficilmente pôde exprimir; sua rapida comprehensão do pensamento alheio, apesar das difficuldades de se comunicar sem os meios auditivos; essas discussões feitas de breves annotações, de signaes, de resumos e de esclarecimentos sobre o papel, seguindo as idéas, alimentando o debate; essa suavidade de expressão, como diria, na observação dos meninos e de seu mundo de actividade; sua capacidade exquisita de dizer a cada um aquillo que lhe é mais proprio, leva em poucos instantes depois do encontro (meus alumnos que se approximaram d'elle o sabem muito, como tambem o sabem os professores das escolas que elle visitou!) fazem do homem que é Ferrière um milagre de poesia viva, de acção vigorosa e suggestiva.

Toda a obra de Ferrière, como cada uma das suas palavras, é um acto de amor. Mesmo seu livro descriptivo sobre a Escola activa (hoje luminosamente traduzido por Elda Mazzoni, uma das directoras de escola mais efficientes que elle conheceu em Roma) é, antes de tudo, um acto de amor. Ahí, Ferrière diz do seu reconhecimento commovido a todos, precusores, pesquisadores contemporaneos, collaboradores directos de seu apostolado.

A despeito do caracter prosaico proprio a uma obra de informação, elle é, a seu modo, o seu hymno á vida. Elle marca a altura, a elevação de seu ideal. O ideal da escola activa e serena.

G. LOMBARDO — RADICE

Escripto no dia 30 de agosto de 1929, por occasião do 50.º anniversario de Ferrière.

Canção do Garoto

Letra de Salvador THEVENARD

Musica de Leivado LAMBERT

PARA TRES VOZES

Allegro *ff*

f *Boca fechada*

f *Boca fechada* *Boca fechada* *Boca fechada*

ponte *Boca fechada* *Boca fechada* *Boca fechada*

f *gorro* *que a ti ra pedra de nas-ca-sas vi-zinhas*

ro-to de gorro *ga-ro-to ra-ta-ta-ta-ta-ta-ta-ta-ta-ta*

4

Go-ro-to ma Van-dra de blu-sa de go-la, que pa-nho capu-m blin-da e o-ni-epi-
ta Bôca fechada.....

ta (Bôca fechada).....

birra pra ir pra ra-es- cola
ff pra ir pra ra-es- cola
(Bôca fechada).....

Go-ro-to que brinca com bô-la de mer-a, no me-io das ru-as a-tê se fa-
ff Go-ro-to que brinca no me-io das ru-as a-tê se fa-
(Bôca fechada).....

tar Que ca-ta ma-ris...cos nas pra-ias de
tar Que ca-ta ma-ris...cos nas pra-ias de
Bôca fechada..... Que ca-ta ma-ris...cos

re-ia, na-re-ia das pra-ias, nas pra-ias do
re-ia, na-re-ia das pra-ias, nas pra-ias do
nas pra-ias de a-re-ia na-re-ia das pra-ias

mar..... Go-ro-to que Go-ro-to me.
man..... f nas pra-ias do mar go-ro-to que

dro-so, go-ro-to ten-to-me-so, que fa-la de-li-co, to-li-co a va-lar.....
(Bôca fechada).....
(Bôca fechada).....

Cui-da-do, ga-ro-to, não quei-ra ser
Cui-da-do, ga-ro-to, não quei-ra ser
p (Bôca fechada).....

gran-de, ga-ro-to, cui-do-do, não quei-ra cres-

gran-de, ga-ro-to, cui-do-do, não quei-ra cres-

Boca fechada

pp

pp

pp

Garoto peralta, garoto vadio,
garoto que salta
de cima da ponte p'ra dentro de rio...
Garoto moleque, nascido no morro,
garoto de gorro,
que atira pedradas nas casas vizinhas...
Garoto malandro, de blusa de gola,
que apanha e que embirra (bis)
p'ra ir para a escola...

Garoto que brinca com bola de meia,
no meio das ruas até se fartar...
Que cata mariscos nas praias de areia,
na areia das praias, nas praias do mar...
Garoto que sonha com lindos brinquedos,
brinquedos de louça, quebrando nos dedos,
tão frágeis que são...

Que solta balão, que arma fogueira,
que tem batalhão, com porta-bandeira...
Garoto peralta, garoto vadio,
garoto que salta
de cima de ponte p'ra dentro de rio...
Garoto medroso, garoto teimoso,
que fala tolice, tolice a valer...
Cuidado, garoto, não queira ser grande,
garoto, cuidado, não queira crescer!

Para a educação social da criança

Mr. BEATTY

(Tradução da Revista "Progressive Education", edição de fevereiro de 1933, por Luiz de Padua Duca, assistente técnico do Ensino)

Mr. Beatty empreendeu ha pouco tempo uma observação sobre métodos e processos de ensino actualmente em applicação nas escolas novas norte-americanas. Depois de uma observação pessoal em sessenta escolas das mais salientes, escreveu o artigo de que foi extrahido a parte referente ao ensino primario:

"Tem-se travado muitas discussões entre os professores da escola nova acerca das responsabilidades no tocante ao modo de preparar a infancia para a vida. E' importante essa questão de saber-se o que estão fazendo as escolas, relativamente a educação social. Haverá, pois, duas directrizes a seguir: 1.ª — a das modificações do curriculum previsto, afim de dar valor aos estudos sociaes e a outros factores que lhes sejam consentaneos; 2.ª — através de clubs de amizade entre as escolas e suas vizinhanças, afim de se promoverem melhores attitudes sociaes.

Surgem quatro theorias para guiar a experimentação:

1.ª — A philosophia basica das escolas progressivas de experiencia, que cuidam exclusivamente do apprendizado pela observação. Taes escolas dão mais valor á historia e á geographia locais, em que os alumnos observem os abastecimentos d'agua, os departamentos de electricidade, mercados, accidentes geographicos e demais phenomenos, baseando seus estudos em as suas proprias observações.

2.ª — O methodo de projectos que, nascido da mesma philosophia, tem por caracteristica aceitar interesses mais amplos e se não limita exclusivamente ás circumvizinhanças da escola. Por tal methodo, estudam os alumnos as vias de

comunicação, navios, carruagens primitivas, a fabricação do papel e outros muitos assumptos acerca dos quaes exista um interesse immediato ou que tal interesse seja por esses assumptos. Esses estudos servem de bases para ricas experiencias.

3.ª — O supposto parallelismo entre o desenvolvimento das creanças e o dos povos primitivos: assim é que o estudo dos habitantes das cavernas, dos esquimãos, dos indios e de outros povos, occupam os primeiros annos das escolas que seguem essa theoria.

4.ª — O pensamento de que a escola primaria deve realizar preliminarmente o ensino dos instrumentos proprios da educação e que esses instrumentos conduzam ao desenvolvimento dos cursos chronologicos de historia e de geographia, acompanhados de um programma de actividades socializadoras.

Surgem, então, tres planos typicos para a bôa execução dessas theorias:

1.º — As actividades em cada classe devem estar centralizadas em um topico ou interesse, que seja dominante como trabalho inicial. Não devemos dar uma sequencia rigida aos topicos em qualquer anno do curso ou em todas as escolas, de modo que grupos successivos de alumnos passando pela mesma escola tomem parte em actividades completamente differentes.

2.º — As actividades são planejadas com mais rigor, havendo determinação de topicos que especifiquem o nivel de adeantamento das classes. Quando, porém, taes interesses devam ser tratados em classes successivas, a ordem em que se acham não poderá variar, afim de evitar-se o envolvimento ou a exploração de um interesse no curso primario, quando esse interesse só deveria formalmente fazer parte do programma de um gráu superior.

3.º — Os topicos são systematica e chronologicamente determinados para definir os niveis de adeantamento. Innumeros esforços fazem as escolas que seguem este programma, afim de controlar as suas vizinhanças apenas surja o inte-

resse infantil induzido pela apresentação dos topicos. Si os topicos se tornarem interessantes e vitaes para os alumnos, serão possiveis muitas e muitas actividades offerecendo ricas experiencias.

(The City and Country School, New York City, é tida como o exemplo na applicação successiva da primeira theoria... e... The Lincoln School of Teachers College, apresenta excellente exemplo da segunda theoria, que se torna positiva através do 1.º plano).

Os estudos sociaes são feitos exclusivamente por meio de projectos "Units", baseados nos interesses das classes. Esses interesses variam de anno para anno, e as creanças, seguindo um delles através de todos os annos do curso, podem perfeitamente fazer experiencias completamente differentes. Na primavera, uma classe de 5.º anno concluiu um estudo sobre os meios de transporte, clujo estudo havia sido iniciado no outomno. Fizeram varias pesquisas a respeito da evolução dos meios de transporte, suas adaptabilidades aos differentes terrenos e muitos outros assumptos de referencia. Os melhores cadernos de notas eram guardados, e as classes dramatizavam algumas de suas observações. Muitos alumnos ainda aproveitavam as horas da tarde para fazerem modelos de malas postaes, carruagens e varios typos de comboios, emquanto outros grupos construíam botes e aeroplanos. O plano de trabalhos era ás vezes indicado pelo professor e outras vezes de livre escolha dos alumnos. Tem-se insistido muito a respeito do seguinte: — Emquanto as creanças estão realizando assim uma série de interessantes e valiosas experiencias, ha uma grande possibilidade de perderem o interesse através dos gráus do curso, ou acontecer mesmo não tocarem em alguns pontos importantes desses interesses, omitindo-os, e tudo isso pelo facto de se designarem topicos definitivos ás classes. E' facil responder-se a essa objecção: e a melhor resposta é que, no estudo de um projecto, o numero dos interesses associados, que o envolvem, é usualmente tão grande que uma pequena quantidade de valores poderá possivelmente ser omitida. A geographia dos

Estados Unidos poderá ser estudada, por exemplo, sob a rubrica de "Meios de transporte" — abrangendo o periodo dos carros de tolda, carros de praça, correio, trem de ferro, etc. Um estudo do movimento para fóra da fronteira poderá servir para alcançar o mesmo objectivo, bem como o estudo da navegação aerea e da mala postal aerea muito concorrerá para tal estudo.

Nenhuma certeza existe nem in The Lincoln School ou outra qualquer escola, que siga esse processo de ensino para provar que os interesses das creanças ficassem de qualquer modo plenamente satisfeitos, ou que as atitudes e entendimentos fossem mais efficientemente influenciados, devido á falta de systematização do meio ambiente ou dos interesses semelhantes; o mesmo acontecia em as escolas que aceitavam a ordem definitiva dos interesses.

Em Francis Parker School, os "units" — projectos — tomam logar num curso de historia em todas as suas phases. Em uma das classes, a historia de Chicago é um dos projectos; em outra — a historia da Grecia. A escolha do plano inicial de cada topico foi determinado já ha alguns annos e depois de acurados estudos sobre os interesses infantis. Ha um programma excellente que parece ter sido emanado dos topicos previamente determinados; o facto de serem elles predeterminados condiciona os alumnos a uma grande presteza para as actividades, o que representa ganho de tempo. Não obstante, tambem não foram encontradas provas cabaes que mostrassem ser mais logica, psychologica ou mesmo mais adaptada aos interesses infantis a ordem dos topicos, seguida da Francis Parker School do que o accesso chronologico a historia do mundo, seguido em varias outras escolas.

O curso hodierno de estudos sociaes de Winetka e Bronxville é o resultado de vinte annos de observações e de estudos em laboratorios de muitas comunidades americanas.

Em cada semestre um "United" é empregado no curso de estudos sociaes para dar mais vida e maior enriquecimento intellectual.

São usados materiaes pedagogicos de todos os typos e são feitas muitas excursões aos museus; são dramatizados alguns factos característicos do projecto e emprehendidos planos de construção, envolvendo uma especie de cooperativa com os departamentos de arte, de musica, institutos profissionais, etc.; e não se fez ainda a tentativa de executar todos os "Units" da mesma maneira, mesmo porque de anno para anno podem mudar os valores, mas todos os topicos apparecem na ordem consecutiva. A maioria das escolas modernas interessa-se mais pelo desenvolvimento das atitudes e do raciocinio do que pelo apprendizado de facto, e dão mesmo pouca acolhida a este ultimo processo. Nas escolas Lincoln e Francis Parker o trabalho é primordialmente deste caracter, isto é, subordinado á sabedoria do facto, emquanto que em Winnetka sobresaem os valores com referencia á informação do facto. A socialização é sempre difficil de ser avaliada, mesmo porque não existem tests de atitudes que possam ser applicados com referencia a tal apprendizado. E' preciso notar que todos os novos processos de ensino da historia são superiores a quaesquer dos processos formaes das escolas antigas. E' fóra de duvida que os alumnos nestas escolas innovadoras não sabem dar perfeitamente os limites dos Estados e nem recitar seus principaes productos da lavoura; nem podem repetir longas listas de datas historicas e conhecem relativamente pouco das batalhas importantes das guerras passadas. Porém, a maioria dos alumnos faz reviver com entusiasmo a vida dos povos das éras remotas ou tem apprendido de visu, em excursões, justamente de onde vem o supprimento da agua ou como sua cidade é supprida de leite e de vegetaes; e, através de suas experiencias pessoaes, encontram motivos para o estudo da historia, da geographia e do civismo".

PALAVRAS DE MESTRES

O melhor educador póde ser um mediocre collaborador no estudo da creança, e o mais habil psychologo, um rëlissimo educador.

WILLIAM JAMES

O methodo de projectos

Consuelo PINHEIRO

(These apresentada à 5.^a Conferencia Nacional de Educação)

- 1 — Novo conceito de educação.
- 2 — Conciliando a theoria á pratica.
- 3 — Difficuldades na sua applicação. Erros.
- 4 — Experimentação.
 - a) a experiencia de Collings;
 - b) a experiencia de E. Wells;
 - c) a experiencia de K. L. Kellor;
 - d) a experiencia de E. Parkhurst.
- 5 — Conclusões.

I

Novo conceito de educação

A educação, segundo Bagley, é a aquisição, a retenção e a organização de experiencias que, modificando a conducta do individuo, o tornam mais capaz de adaptação e mais efficiente em sua futura acção. Para Dewey educação é uma continua reconstrução da experiencia, que augmenta o poder do individuo de aproveitar e dirigir o curso de experiencias subsequentes. Até hoje, porém, essa educação tem-se feito ao sabor do acaso, anti-economica e anti-systematicamente, conforme as experiencias que a cada um é dado realizar, muito embora haja uma agencia formal de educação — a *escola*. Mas a escola, como ainda hoje está organizada, não educa no sentido exacto da palavra. Dá uma massa de conhecimentos que, pela fórma por que são adquiridos, de pouca ou de nenhuma utilidade são para o individuo na sua vida futura mas cuja aquisição se faz com sacrificio do seu desenvolvimento no periodo em que os adquire — a infancia.

Erra, portanto, a escola, insistindo nesse ponto de vista e erra duplamente: em relação á creança e em relação á sociedade.

A escola recebe a creança no periodo em que brincar é uma necessidade sua, uma attitude de espirito; em que sua actividade physica e mental é multiforme; em que suas tendencias naturaes de exploração, de expressão facial, de vocalização, de manipulação, de construcção, borbulham fazendo a extraordinaria riqueza mental dessa idade.

A escola não aproveita essas inclinações e ensina arbitrariamente conhecimentos que não têm applicação na vida da creança fóra da escola. Também o que a creança aprende, livremente e por si, não tem applicação na escola, cujo programma é "sem finalidade, sem vida, desconexo, congestionado, inutil e prematuro".

O outro erro da escola é tratar os individuos isolando-os da collectividade. E' querer "preparar para o futuro", um futuro que será, pela civilização industrial em que vivemos, de dependencia, de solidariedade, de cooperação, separando a creança de seus companheiros, não lhe dando occasião para o trabalho em commun.

E' preciso, então, organizar a escola em outras bases para que não haja separação entre *escola* e *vida*. E, assim, a escola não será mais passiva, e sim activa. As creanças terão de agir e não sómente ouvir. O seu trabalho ahí será organizado de accordo com os seus instinctos naturaes de communicação, de investigação, de construcção, de expressão, de creação artistica.

Mas, como estabelecer essa escola em que as creanças sejam livres, activas, tenham iniciativa, e trabalhem em commun nas linhas geraes de seus interesses?

II

Conciliando á theoria a pratica

Foi Kilpatrick que tornou possivel a organização da nova escola. Imbuído das idéas de Dewey e sendo elle pro-

prio professor de Educação no "Teacher's College", da Universidade de Columbia, com os seus trabalhos "The Project Method" e "Foundations of Method", especialmente, procurou tornar accessíveis aos professores em geral os princípios philosophicos da nova educação, que pareciam um pouco nebulosos e sem grandes possibilidades de realização.

Kilpatrick tomou a theoria de Dewey sobre o pensamento:

- a) a situação que exige resposta;
- b) estado de perplexidade, de hesitação e de duvida;
- c) hypotheses que se architectam baseadas em experiencias anteriores.
- d) actividades (buscas ou investigações) para confirmar as hypotheses;
- e) prova.

Mostrou, com os exemplos seguintes, como quasi todos os actos da vida se processam igualmente:

a) O astronomo que observa o desvio do planeta Uranus. Qual a causa? Exame detalhado da situação. Uma hypothese é formulada: a presença de um planeta desconhecido, causador do desvio. Calculos para a determinação do ponto exacto onde deve ser encontrado. Confirmação feita pela descoberta de Neptuno;

b) a mãe que ouve o filho chorar. Duvidas sobre a causa do choro. Observação cuidadosa dos gestos da creança, para dali tirar uma lição. Hypothese formulada: é frio. Cobre-o. A creança cala-se: era frio. E os analysa, comparando-os á theoria citada.

1.º passo — Uma situação que determina uma resposta:

O desvio da orôita de Uranos. O astronomo deseja explicar esse desvio. O choro da creança. A mãe deseja fazel-a calar-se.

2.º passo — Duvida que surge, estado de perplexidade:

O astronomo não tem explicação satisfactoria. A mãe não sabe o que determina o choro.

3.º passo — Exame da situação para localizar a duvida:

O astronomo mede cuidadosamente o desvio. A mãe observa os movimentos da creança.

4.º passo — Hypotheses formuladas:

Uranus é atrahido por um planeta desconhecido. A creança chora porque tem frio.

5.º passo — Actividades para verificar a veracidade das ilações:

O astronomo calcula o ponto onde deve ser encontrado o planeta, si fôr essa a causa. A mãe cobre a creança para ver si é frio.

6.º passo — A prova ficou feita:

Neptuno foi encontrado. A creança calou-se.

Compara ainda a aprendizagem na escola e fóra della. No segundo caso todas as actividades em que a creança se empenha são desejadas por ella propria; a sua atenção está sempre em foco; a verificação dos resultados é feita tambem por ella propria — obtém successo, ou insuccesso; a sua personalidade está integralizada, unificada durante todo o curso de sua acção. No primeiro caso, as actividades em que se empenha são externas, impostas pelo professor, extranhas a seus desejos e necessidades; a sua atenção, por isso, é marginal; a verificação dos resultados é feita por outrem — obtém uma nota; sua personalidade não está integralizada, nem unificada, está, antes, distorcida, dissociada.

Então, por que não fazer da aprendizagem na escola um acto desejado, propositado? Por que não considerar a

educação na escola como a própria vida e não como uma preparação para a vida futura? E, não será o melhor meio de preparar esse futuro praticando a vida presente?

A psychologia diz também que toda conducta é dictada por um interesse; que uma vez esse interesse levando á acção — agir satisfaz, não agir aborrece (lei da "readiness"); que essa lei funciona fatalmente como as outras leis naturaes e que a aprendizagem se processa desse modo: interesse — proposito — predisposição — persistencia da acção — successo — satisfação — fixação da nova conducta, isto é, aprendizagem.

E Kilpatrick procurou um processo a empregar na escola, ao mesmo tempo, desse logar á livre expansão da actividade infantil e utilisasse judiciosamente as leis da aprendizagem. E creou o "methodo de projectos".

Classificou esses projectos em quatro tipos:

- 1 — Realização de uma idéa ou plano (construir um bote ou escrever uma carta).
- 2 — Apreciação (historias, musica, pintura).
- 3 — Solução de um problema.
- 4 — Acquisição de uma technica (apprender qualquer cousa).

Os projectos do tipo 1, 3 e 4 seguem, mais ou menos, o curso do pensamento estudado por Dewey e obedecem a essa sequencia: proposito, plano, execução, juizo (julgamento ou prova). Os do tipo 2, que envolvem apreciação, são mais difficéis de delinear-lhes o curso; mas funcionam normalmente na vida, pois que são o ideal em educação — substituição de instinctos ou tendencias primarias por outras, mais elevadas, adquiridas.

E assim, seu methodo traria:

1) — *Liberdade* em vez de coacção — "pernas, braços e laringe livres" e com isso maior espontaneidade e menos egoismo.

2) — *Iniciativa* do alumno e não do professor — a

creança, activa e alegre, trabalharia, infatigavel, planejando, inventando, organizando, contribuindo para o plano geral com idéas originaes, reunindo e collectando dados e materias, adquirindo capacidade de auto-governo, de dominio sobre si.

3) — *Actividade* como base do trabalho escolar, mas actividade que é synonymo de crescimento e que ao contrario de dispersar a atenção, concentra-a e prolonga-a no seu esforço.

4) — *Interesse* da creança dirigindo a organização do programma. A velha nomenclatura desaparecendo para dar logar á outra. Não, porém, como simples mudanças de nomes, mas como transformação intima e profunda. Assim, as materias tradicionaes apparecem em função do trabalho, da dramatização, das conferencias e discussões em grupo, etc., etc.

5) — *Expressão* creadora: a nova philosophia da educação garante capacidade creadora em toda creança, differindo, apenas, quanto á fórma por que se expressa. Em uns será pela palavra, em outros na musica, no desenho, na dança, sob qualquer fórma, enfim.

6) — *Personalidade* e ajustamento social: ao contrario da velha escola em que as creanças, isoladas em seus bancos individuaes, recebiam educação hiper-intellectual e hiper-individualizada, a nova escola, com o methodo de projectos, permite o desenvolvimento individual, com todas as suas características, na pratica constante da vida em cooperação.

III

Difficuldades na sua applicação — Erros

Para que um tal processo possa ser introduzido na escola, esta terá que passar por muitas transformações: no equipamento das classes, na architectura do predio, no horario, no programma, nos livros didacticos, no proprio pre-

paro do professor, guia estimulante da creança nos seus propositos. Mas, vencidas todas essas difficuldades, não valerá a pena preparar cidadãos alertas, capazes de acção e raciocínio, de critica intelligente, uteis a si mesmos e á patria?

Um dos erros mais generalizados sobre o novo methodo decorre do seu proprio nome — projecto. Para muitos — projecto tem sido tomado como qualquer actividade conduzida com exito a uma conclusão. Sendo assim, as tarefas da escola seriam projectos. O proprio Kilpatrick receiava essa confusão si o termo fosse comprehendido no seu sentido parcial e mecanico. Para que se desenvolva esse processo educativo é necessario que a creança “ponha todo o coração” em realizar o seu proposito. Outro erro que decorre ainda do sentido restricto em que se toma o termo é que nem todos os projectos interessarão á totalidade das creanças de uma classe. Sem duvida, os projectos individuaes de construcção só interessarão aos donos.

IV

Experimentação

a) — *A experiencia de Collings*

O prof. Collings, partindo desses principios: 1) que as creanças devem planejar o que desejam emprender; 2) que a aprendizagem nunca é isolada; 3) que todos os assumptos tratados na escola, sómente o devem ser, si forem necessarios para levar avante as empresas desejadas pelas creanças; 4) que o programma deve ser constituido por uma série de actividades que levem a outras actividades, procurou pôr em pratica o seguinte:

“Como pôde o programma de uma escola rural ser organizado directamente dos propositos de meninos e meninas na vida real? Si isso é possivel, até que ponto, com que eficiencia, e sob que condições?

Planejou o trabalho da escola do seguinte modo:

- 1) — Organização de planos e projectos (discussão, conferencias, etc.).
 - 2) — Execução de planos (actividades).
 - 3) — Critica dos resultados obtidos (discussão, conferencias, etc.).
 - 4) — Exposição dos resultados.
- (No horario habitual da escola e em reuniões publicas, expreções convocadas).

O papel do professor era supprir material, aparelhos, instrumentos, fontes de referencia, etc., necessarios á realização dos planos; suggerir meios de vencer difficuldades tidas como insuperaveis; approvar ou desapprovar phases dos trabalhos em realização.

Horarios e programmas se distribuam de accordo com a classificação dos projectos, que eram de 4 typos:

- a) *excursão* — Estudos fóra da escola para situar a creança no meio social, ligando-a ás actividades da localidade;
- b) *construcção* — Trabalhos em geral ruidosos para a expressão da idéa em fóрма concreta (construcção em madeira, modelagem, jardinagem, etc.);
- c) *historias* — Actividades menos ruidosas para apreciação de litteratura, pintura, musica (canções, phonographo, piano);
- d) *jogos* — Para a realização de actividades de grupo (brinquedos cantados, dansas, dramatizações, festas).

Essa classificação demonstrou varias vantagens:

- 1) — Facilitou ao professor o trabalho de promover o ambiente estimulante necessario ao desenvolvimento dos projectos.
- 2) — Permittiu-lhe melhor aproveitamento dos processos empregados em actividades similares.
- 3) — Facilitou o trabalho de administração da escola, porque os grupos de creanças se empenhavam, ao mesmo tempo, num mesmo tyo de actividade.

Os alumnos não se distribuam mais escalonados em classes, como o commum das escolas, mas foram divididos

em tres grupos: 1.º grupo: (6, 7 e 8 annos) — 2.º grupo: (9, 10 e 11) — 3.º grupo: (12, 13 e 14). Essa divisão attendia ao numero proporcional de creanças para cada grupo, aos interesses semelhantes das creanças nessas edades, á maior flexibilidade de horario, e maior tempo empregado em cada especie de actividade.

Tipos de projectos:

a) — *Excursões*

Do 1.º Grupo — “Porque a senhora Murphy fez a cerca de seu jardim de gira-sões”? Desdobrou-se o projecto em: visita á casa da sra. Murphy, para ver os seus gira-sões; critica e analyse dos incidentes dessa visita; relatório do que viram, aprenderam e resolveram.

Do 2.º Grupo — “Porque em casa do sr. Smith ha sempre casos de typho”? Desdobrou-se o projecto em: visita á casa do sr. Smith e exposição em classe do que observaram nessa visita, quanto á causa provavel do typho — as moscas. Dahi originou-se outro projecto: “Como o sr. Smith poderá combater as moscas de sua casa?”, com o seguinte desenvolvimento: visita á casa do sr. Bonerman para ver como elle evita esses insectos. Estudo dos melhores meios de combater esse flagello (consultas á Saude Publica, leitura de monographias e outras, construcção de armadilha, etc...), relatório enviado ao sr. Smith aconselhando-o quanto ao melhor processo de combater as moscas. Este projecto não parou ahi. As creanças fizeram um “survey” das doenças mais communs á localidade, e delle deram conhecimento aos moradores, em uma reunião expressamente convocada. Os resultados do projecto determinaram melhoria nas condições sanitarias da cidade, pois muitos de seus habitantes providenciaram para a telagem das portas e janelas de suas residencias (o sr. Smith foi um delles), para mais hygienico acondicionamento do lixo, etc.

Do 3.º Grupo — O julgamento do sr. Tate — Ida ao tribunal para assistencia do julgamento, apreciação do fun-

cionamento e resultado do jury; visita á Jefferson-City (cidade proxima), para visitar a penitenciaria onde havia sido recolhido o sr. Tate; visita a outros edificios da cidade; ida á Camara. Desse projecto foi feita exposição circumstanciada, em que tomaram parte muitas creanças, aos moradores da localidade.

b) — *Construções*

Do 1.º Grupo — “Como fazer uma taboa de engommar?” Escolha do typo de taboa, plano, execução e critica. Esse projecto era individual. As outras creanças fizeram projectos similares.

Do 2.º Grupo — “Confecção de uma merenda — o chocolate”. O projecto desenvolveu-se em estudos sobre o chocolate e a parte material de organizar a merenda.

Do 3.º Grupo — “A feira”. Nesse projecto tomaram parte as outras escolas da localidade. As creanças expuzeram varios productos obtidos por esforço proprio, quer em casa, quer na escola (fructas em conserva, doces, gallinhas, etc.). Houve jury para distribuição de premios aos melhores exhibidores, conferencias, jantar. Desse projecto os jornaes se occuparam com muito interesse, um delles tendo pedido ás proprias creanças um relatório, que foi publicado.

c) — *Historias*

Cada grupo escolheu suas historias, que foram lidas, contadas ou dramatizadas. Nesse typo de projectos estavam tambem incluídos audição de discos de victrola, de musicas ao piano e de exhibição de vistas em lanterna magica.

d) — *Jogos*

O 1.º e o 2.º Grupos organizaram jogos ao ar livre e de salão, dansas, etc. O 3.º Grupo promoveu uma demonstração em que tomaram parte cerca de 500 pessoas, entre adultos e creanças.

Quaes os resultados obtidos?

Comparados com os das escolas de controle que fun-

ccionavam na mesma localidade, sob a mesma direcção e no mesmo espaço de tempo, os resultados da escola experimental foram superiores em tudo, como o prof. Collings expoz no seu trabalho "An Experiment whit a Project Curriculum". Foram superiores sob todos os pontos de vista: conhecimentos, atitudes, apreciações, technicas e habilidades, não sómente em relação ás creanças como ás proprias familias. No emtanto, as creanças que frequentaram a escola experimental eram em tudo semelhantes (no maximo possivel dessa semelhança), em nível mental (foram todas submettidas a tests), em condições de saúde, de educação, de fortuna, de meio, de nacionalidade; a duração do horario, a mesma; os professores, equivalentes, quanto á pratica, edade, educação e preparo. Sendo de notar que os professores da escola experimental tinham contra si a inexperiencia naquelle methodo de ensino.

b) — *A experiencia de E. Wells*

A prof. M. E. Wells partiu desse ponto de vista: Que ensinar a creança normal? Como ensinar a essa creança? Baseou o seu trabalho nos seguintes principios: 1) si o jogo é essencial ao maximo desenvolvimento da creança; 2) si as actividades forçadas não são educativas no bom sentido da palavra; 3) si o brinqueo espontaneo da creança é, em geral, a imitação da vida adulta, porque, em vez de deixar o jogo ao acaso, não o aproveitar na escola?

E então imaginou um programma que tivesse como fim a vida e as suas necessidades de conforto, as relações sociais de familia, comunidade, patria, humanidade (os 5 f, emfim: "food", "fabrics", "fireside", "friends", "fun"). Conservou a divisão commum em classe e distribuiu o programma desse modo:

1.º anno — O lar (relações de familia).

2.º anno — A vida commercial do bairro (fontes immediatas de supprimento).

3.º anno — A Cidade (instituições locais).

4.º anno — As outras terras (alguns aspectos das relações internacionaes).

5.º anno — Os Estados Unidos — (a patria e sua contribuição para o individuo e o mundo).

6.º anno — O mundo (larga experiencia das relações internacionaes).

Dentro desse plano geral as creanças desenvolveram um sem numero de projectos parciaes. Os resultados dessa experiencia, que durou de 1818 a 1919, foram mais que satisfactorios, porque as creanças, si bem que não tivessem estudado parceladamente leitura, escripta (historia, etc., submettidas a tests standartizados para as escolas tradicionaes, obtiveram cotação igual ou superior á norma. E isso, apesar de Miss Wells ter lutado contra a inexperiencia dos professores no methodo, mudança frequente desses professores, que eram estagiarios (a escola onde se desenvolveu o plano era uma escola de pratica annexa á Escola Normal de Nova Jersey), e não ter podido dar assistencia mais prolongada á escola, porquanto, sendo inspectora escolar, tinha outras escolas a orientar. O desenvolvimento do plano não acarretou grandes transformações na organização da escola. Apenas tiveram de dar outra arrumação ao mobiliario das classes, preparar uma sala especial para guardar o material e onde pudessem fazer determinados trabalhos (construção, modelagem, etc.), e crear um "fundo de reservas" para compra dos instrumentos necessarios. Esse fundo foi constituido pela contribuição monetaria dos alumnos. O resto do material foi tambem trazido pelas creanças, o que, aliás, fazia parte do plano.

c) — *A experiencia de Miss K. L. Kellor*

Miss Kellor, professora da Lincoln School (Universidade de Columbia), partiu dos mesmos principios de E. Wells, isto é, da natureza da creança, suas necessidades e seus interesses e se propoz a resolver este problema: "De que deve constar o programma de creanças do 2.º anno para terem assegurado o seu crescimento physico, social e intel-

lectual?" Procurou tratar os assumptos tradicionaes associando-os e apresentando-os em "unidades de trabalho", que deram logar a mais de um typo de projecto. As creanças executaram os trabalhos em madeira, modelagem e pintura na propria sala de aula, que era vasta e espaçosa, mobiliada de pequenas mesas e cadeiras e dispondo de caixa de ferramentas, cavaletes, etc. Era 25 o numero de creanças e tinham um Q. I. que variava entre 92 e 142. Os resultados mensuraveis foram excellentes. Submettidos a tests no inicio e no fim da experiencia, revelaram aproveitamento muito acima da norma, sendo que a differença em leitura foi de 1 anno e 8 mezes.

Typo de "unidades de trabalho e estudos correlatos".

Brincando de cidade. O projecto desdobrou-se em: 1) discussão e planos, construcção, excursões, dramatizações, trabalhos individuaes e em grupo; 2) estudos correlatos: *leitura e escripta* — explicações e informações impressas, laboratorios, descripções, escriptas e lidas, escala, calculos (compra e venda); *arte* — traçado da viagem, pintura de scenarios, estudo de proporções nos vehiculos de carga, desenhos e pinturas para illustrações dos livrinhos organizados; *sciencias* — trabalho especial de electricidade, preservação de alimentos pela disecação, refrigeração, etc., demonstração pratica desses estudos, cozinhando, fazendo compotas, e outros; *litteratura* — leitura e apreciação de poemas.

d) — *A experiencia de Miss Ellen Parkhurst — O Dalton Plan*

Miss Parkhurst tambem se preocupa com "o que ensinar e o que apprender". Analysa o velho typo de escola com o seu objectivo — cultura. Chama a attenção para esses aspectos: o alumno apprendia o que lhe mandavam e como lh'o mandavam, a iniciativa e a responsabilidade eram do professor, que não distinguia as differenças individuaes, queria obter os mesmos resultados no mesmo tempo e castigava a preguiça, a estupidez ou a indisciplina dos que fa-

lhavam. Diz que a escola hoje é — experiencia — e affirma que o seu methodo reúne os dois objectivos e o filia á corrente deweyana. Compara o jogo e o trabalho livre ao trabalho na escola tradicional e mostra que nos dois primeiros ha um fim em vista do passo que no ultimo a creança está alheia ao fim que o professor deseja obter. Planejou então transportar os processos de trabalho na vida para a escola, e baseou o seu methodo na acceitação voluntaria e consciente, por parte da creança, de assumir responsabilidades que estão escriptas numa especie de contracto — os planos de estudo. Esses planos (poder-se-ão chamar projectos?) são individuaes e a respeito de um assumpto — mathematica, geographia, etc. Transformou as classes "em laboratorios" em que as creanças são experimentadores e os mestres guias e technicos. Diz mais Miss Parkhurst que o Dalton Plan resolve o problema das classes numerosas, funciona com qualquer programma e permite liberdade, collaboração e esforço individual.

5 — *Conclusões*

1.ª — O "Methodo de projectos" está inteiramente de accordo com a nova philosophia de educação. A sua adopção nas escolas permitirá ás creanças: liberdade, iniciativa, actividade, interesse, expressão creadora, personalidade e ajustamento social.

2.ª — Das experiencias citadas, o plano que está mais perto de nossas possibilidades é o de Miss M. E. Wells, porque, obedecendo ás condições expostas na 1.ª conclusão, não exige grandes transformações na organização da escola e tem applicação em qualquer localidade, porquanto em qualquer logar será sempre possivel aproveitar os aspectos da vida social e fazel-os entrar na escola.

CONSUELO PINHEIRO

O grupo escolar de Divinópolis, dirigido pela técnica d. Maria de Lourdes Teixeira, vem, ultimamente, realizando varias actividades educativas, de accordo com as modernas tendencias pedagogicas, o que colloca esse estabelecimento de ensino entre os que, em Minas, vêm se batendo pela implantação dos principios basilares da escola implevta.

Os trabalhos que se seguem, de professoras daquele grupo escolar, revelam o esforço e a dedicação com que allí se trabalha em prol dos mais altos idéas da educação integral.

REUNIÕES DOS PAES

Procurando satisfazer um pedido da nossa directora, Maria de Lourdes Teixeira, iniciámos o anno lectivo visitando os paes de nossos alumnos com o fim de certificarmos do meio em que vivem e de nos relacionarmos com os mesmos. Tudo se fez para obter as suas amizades, procurando, assim, a cooperação delles para a grande tarefa que tinhamos a realizar no decorrer do anno.

No primeiro dia de aula verificámos com satisfação o resultado do nosso trabalho — alumnos chegaram ao Grupo trazendo o material pedido aos paes, verificando-se o capricho na escolha do mesmo. Cousa que nunca se havia conseguido, pois, levava-se o mez de fevereiro todo para se obter um, dois cadernos e assim mesmo, da peor qualidade. Por aqui se vê que se convenceiram da necessidade de um me-

lhor material para boa disposição e capricho da creança na confecção de seu trabalho.

Foram-nos destinadas as segundas quintas-feiras para continuação das visitas. Por esse meio mantivemos relações com as familias dos paes de nossos alumnos durante o primeiro semestre, tendo uma das professoras organizado um relatorio circumstanciado de cada uma de suas visitas, uma especie de fichario mais ampliado, para servir-lhe de guia no estudo das creanças.

No mez de maio deliberou-se que se fizesse, no encerramento das aulas do primeiro semestre, uma exposição dos trabalhos das classes para que os paes, pudessem verificar o adeantamento dos filhos.

Preoccupou-nos immensamente a idéa de que teriamos de expor não bellos trabalhos que se

improvisassem para esse fim, mas os cadernos de exercicios diarios, os de prova, etc. Esperavamos ver nisso o grande fracasso da exposição!

Chegado, finalmente, o dia de tão esperada festinha das creanças, o Grupo Escolar com uma hora de antecedencia — 18 horas — achou-se repleto de convidados, paes e parentes proximos dos meninos.

Aberta a sessão, uma das professoras, em singelas phrases, saudou os srs. paes, expondo-lhes os motivos da reunião.

Seguiu-se um bailado, duas cançonetas e um numero de gymnastica.

Depois as familias foram levadas a apreciarem os trabalhos expostos em classes. Observaram, demoradamente, os trabalhos escriptos e manuaes, commentaram e trocaram idéas com os professores, informando-se tambem da applicação e procedimento de seus filhos.

A's 21 horas iniciou-se em uma das salas um baile em beneficio da Caixa Escolar, que se prolongou até meia noite.

Resultado da Reunião — Notouse a maior boa vontade por parte dos paes que, elogiando a nossa escola, se diziam satisfeitos com o progresso dos filhos, prometendo que nos auxiliariam em tudo que fosse necessario para a educação dos mesmos.

Agora, no segundo semestre, os alumnos, já esperando uma nova exposição, esmeram-se mais em seus deveres.

Conscios de que o nosso trabalho foi compensador, sentimo-nos estimuladas a fazel-o com maior ardor e brilho, visando em tudo a bella causa da educação em nosso meio social.

Os resultados dessa primeira reunião devemos á nossa distincta directora, que, com toda a solicitude, vem nos guiando no desempenho da nossa missão.

E', pois, a ella que devemos todos os loiros alcançados.

Falhas — Não seria justo que, enumerando os bons resultados, occultassemos as falhas; tivemos duas e bem grandes!

1.º — O nosso predio já não comporta mais o elevado numero de creanças matriculadas. Temos apenas 8 salas para 23 classes e todas ellas bastante frequentadas. Em cada sala foram expostos os trabalhos de tres classes e, com a aglomeração de familias em uma só sala, muitos paes retiraram-se sem haver observado os trabalhos de seus filhos.

2.º — Ao iniciar o baile, apesar de haverem reservado um dos salões para esse fim, houve o barulho de danças, musica, etc., que prejudicou um pouco as observações dos paes.

Sanadas essas duas faltas, si bem que a primeira não dependa de nós, as reuniões dos paes só nos poderão trazer grandes resultados.

Divinópolis, 26 de julho de 1934.

Maria da Conceição Gontijo

VENDA ESCOLAR

Afim de cultivar o habito do trabalho entre nossos alumnos, dando-lhes sentimentos de responsabilidade e de confiança, foi creado neste grupo a "Venda Escolar".

Nós sabemos que o habito só pode ser adquirido por meio do exercicio e exercicio continuo. E é por isso que sobre a deliberação das creanças fundou-se nesta "Casa de Ensino" a "Venda Escolar". Em um canto da sala de Trabalhos Manuaes, ficou collocada e contornada por grades.

Os vendeiros são as proprias creanças, e para que ellas não percam as aulas, ficou deliberação assim:

As creanças que irão tomar conta, serão de turnos diferentes.

Esta troca de alumnos traz a consequencia de estímulos para o bom exito da venda.

Pois, em aulas de arithmetica, é grande o enthusiasmo das classes, ao discutirem e calcularem as negociações feitas nos diversos turnos.

Para que apprendem a fazer bem feito tudo que tiverem de fazer adquiriram livros para registros de entrada e saída do material.

Os primeiros objectos da venda foram comprados á prazo. A medida que foram colhendo os lucros fizeram o pagamento, até que hoje nada mais devem.

Serão vendidos aos alumnos abastados, ficando o lucro d'ora em diante para auxilio da sopa fornecida diariamente aos seus collegas menos favorecidos pela sorte.

Cada semana, a Directora, encarrega a uma commissão de alumnos para a compra do material necessario para a sopa.

Formando na creança o habito da economia bem comprehendida, fazemos com que ella procure bons generos com os menores preços.

Ha na "Venda" uma secção de merendas oriundas de fonte escolhida afim de termos confiança de que offerecemos ás creanças alimentos substanciosos, puros e aseados.

A porcentagem colhida nesta "Venda" é accumulada para daqui ha algum tempo tratarmos da fundação do Banco Escolar.

Divinopolis, 24 de Julho de 1934.

NESIA CORRÊA

MARIA SALOMI' DE SOUZA

PALAVRAS DE MESTRES

Si ha creanças tranquillias e mudas, que são sempre "prudentes" — como se diz com uma inflexão e uma ignorancia que me assombram, — que não gritam, que não riem, que não pulam, é que são creanças mortas: enterra-as...

MME. PAPE - CARPENTIER

A Attitude do mestre

João TOLEDO

Vivemos melhor ao lado daquelles que mais queremos. Queira, pois, a mestra sinceramente, aos seus alumnos, faça-se tambem delles querida, e sua vida e a vida delles correrão mais suaves e mais cheias de agrado nas horas de trabalho, e o trabalho será mais leve e mais proveitoso. Afastam-se, como por encanto, a fadiga, o tedio, a desatenção. Mas, como fazer para crear esse ambiente de cordialidade real, sem convenções e sem artificios? Não ha receita infallivel para o caso, que está, mais que tudo, na dependencia de attributos pessoas da professora; muita cousa, porém, conseguirá ella, si observar, entre outros, os seguintes conselhos:

a) ser equanime, vir á escola sempre de animo igual; não sujeitar as creanças ás oscillações do seu humor, alegre e brincalhão um dia, carrancudo e irritado em outro. Quando uma magoa ou uma contrariedade da molestarem, lembrar-se, na porta da entrada, de que as creanças não têm culpa de seus males, e que, por isso, devem ser tratadas com o carinho e com os cuidados que sua debilidade e sua inexperiencia reclama;

b) não prometter castigos e, promettendo-os, em caso extremo, applical-os com moderação, mas com firmeza. Em noventa e cinco por cento das creanças, o agrado vence e melhora a turbulencia. A rebeldia emperrada e irreductivel é, em regra, consequencia de estado morbido que não se cura com privações de recreio e exclusão de jogos. Antes de applicar a qualquer creança uma pena correctiva de sua conducta, é acertada, é indispensavel conhecel-a muito bem; evita-se, com isto, muitas vezes, punir um irresponsavel;

c) não usar quadro negro para registro de nomes de peor conducta, menor applicação e menor aproveitamento. Nós somos desiguaes, todo o mundo o sabe, e poucas vezes peccamos por vontade propria e consciente: falha mental ou hereditaria ou congenita, falha de educação em familia,

atrasam-nos, prendem-nos, enquanto outros avançam e vencem. Não junte o mestre a este grande castigo "natural", a humilhação de exhibir-nos, aos olhos de todos, como tardos, vadios e turbulentos;

d) nunca revelar aos alumnos, por palavras ou gestos, desagrado pela vida escolar; antes, fazer sentir, com naturalidade e sem nenhuma affectação, que allí, entre elles, vive satisfeita; que a escola é como a igreja; numa e noutra a alma se abre á vontade. — aqui o espirito se retempera para o bem, allí se arma para o trabalho; e que o bem e o trabalho se conjugam para a felicidade de quem os pratica, muito mais do que para a felicidade dos outros;

e) não demonstrar predilecção accentuada por alguns alumnos e relativa má vontade para com outros. E' natural, é humano, que isso aconteça; mas, tanto quanto possível, devem todos ser tratados com a mesma solicitude. Quando doentes, especialmente, os cuidados devem ser para todos; nos revezes da existencia, um consolo para todos; para todos, nas alegrias, uma congratulação franca e cordial. Não é difficil e é de grande alcance affectivo.

A pratica invariavel e continua destas normas geram a confiança nos alumnos e depois a amizade. Conquistando, assim, o coração da classe, póde a mestra estar segura de que venceu dois terços das difficuldades do seu governo. Daqui por deante, a sympathia cresce, e, á medida que ella cresce, as alegrias augmentam e tornam a vida mais gostosa de ser vivida. Nunca nos esqueçamos de que nossa mellhor ventura na terra são as nossas mais caras e puras afeições.

João TOLEDO

PALAVRAS DE MESTRES

A mais importante e a mais util regra na educação não é a de ganhar tempo, mas a de perdê-lo.

J. J. ROUSSEAU

Excursão escolar

Elmala Ferreira da SILVA

(Relatorio da 1.ª excursão, feita á redacção do "Lampadario", á Rua do Espirito Santo, pelos alumnos do 3.º anno medio - fraco do 2.º turno do Grupo Escolar "Fernando Lobo")

Exmo. sr. director do grupo escolar "Fernando Lobo" — Pe-lino Cyrillo de Oliveira.

Comunico-vos que, no dia 22, realizei a 1.ª excursão do corrente anno, com minha classe, 3.º anno medio-fraco do 2.º turno, constando da ida á redacção do "Lampadario", sita á Rua do Espirito Santo n. 675.

Em classe, falei aos alumnos sobre a imprensa e seu inventor, dividindo-os em quatro commissões para tomar os seguintes apontamentos:

1.ª Commissão:

1) Saber os nomes das machinas e sua utilidade.

2) Quanto ganham os empregados que nellas trabalham e como se chamam (denominação de accordo com o que fazem).

3) Desenhar machinas que mais interessarem a cada alumno.

2.ª Commissão:

Descrever o interior e o exterior do predio, onde fica a redacção.

3.ª Commissão:

Descrever o passeio, desde a sahida do Grupo até a volta ao mesmo Grupo.

4.ª Commissão:

1) Indagar a epoca em que foi fundado o jornal.

2) Tomar nota do nome do fundador.

3) Saber para onde é o jornal expedido.

4) Perguntar o preço da assinatura annual e do numero avulso do jornal.

5) Annotar o nome do gerente, do director e do revisor.

6) Saber qual a despesa da impressão.

7) Ver como se imprime e qual o material empregado na impressão.

8) Ver como se compõe e pedir explicações.

9) Saber quando é necessaria a revisão do jornal.

10) Saber de que são feitas as machinas, seus preços e de onde vêm.

11) Saber de que são os tipos.

12) Absorver o trabalho colectivo da typographia; divisão do trabalho, dependencia mutua e direcção.

Partimos do Grupo ás 13 horas

da tarde. O trajecto de bonde foi feito sem facto digno de menção.

Ao chegarmos á redacção do "Lampadario", fomos recebidos gentilmente pelo gerente, sr. Gumercindo Cornelio de Oliveira, que já estava prevenido da nossa visita por uma carta de um dos alumnos.

Corremos todas as dependencias da redacção, ouvindo as explicações do gerente, que falava com clareza e pausadamente para dar tempo a que os alumnos escrevessem as suas annotações.

O typographo explicou-nos depois como se faz o jornal. O impressor tirou prova de alguns artigos, dando-nos explicações detalhadas sobre a machina de impressão, revisão, paginação, etc. Vimos picotar o jornal e grampar pequenos trabalhos de typographia.

Todos os alumnos desempenharam suas incumbencias, observando bem o local, desenhando machinas e colhendo informações com o gerente e os demais empregados.

É digno de menção o auxilio que nos prestou tambem o revmo. padre José Rocha, redactor do "Lampadario", que, conquistando rapidamente a sympathia da creançada, foi ouvido com interesse sobre varios assumptos referentes á imprensa, ao progresso humano, etc.

Ao despedir-nos, o alumno Erimá Pinheiro Moreira dirigiu pa-

lavras de agradecimentos ao sr. Gumercindo Cornelio de Oliveira e ao revmo. padre José Rocha. Este ultimo respondeu ás palavras do alumno Erimá, contando ás creanças uma historia interessante e dando-lhes conselhos salutareos.

Acompanhou-nos nesta excursão a professora technica do Grupo, d. Julieta Benicio da Silva, que muito nos auxiliou com os seus conhecimentos especializados.

Regressamos ao Grupo plenamente satisfeitos e sem outros factos mercedeiros de registro.

Juiz de Fóra, 22 de julho de 1934.

ELMAIA FERREIRA DA CUNHA

*

A EXCURSÃO ATRAVEZ DE DESCRIPÇÕES DAS CREANÇAS

No dia 22, fizemos uma excursão á redacção do "Lampadario". Minha professora incumbiu-me de descrever o predio onde fica a redacção.

O predio do "Lampadario" fica situado á Rua do Espirito Santo; tem o numero 675. É um predio bonito e de construcção solida.

É ali que reside D. Justino José de Sant'Anna, bispo de Juiz de Fóra. O predio tem muitas janelas e uma grande varanda lateral. Possui duas entradas: uma para a residencia do sr. Bispo e outra para a redacção. Ambas são ajardinadas.

A redacção fica no porão, o qual é arejado por muitas portas em forma de arcos. Esse porão está dividido em muitas salas:

Sala da gerencia ou redacção, tendo duas mesas, duas cadeiras e um banco; sala da composição, tendo ao centro uma mesa, onde os typographos trabalham; sala mista, onde fica tambem, ao centro, a grande machina de impressão, marca "Planeta"; sala do archivo do jornal, com estantes repletas de jornaes, livros, etc.; sala da expedição e a sala de pequenas obras, tendo, a um canto, uma machina de impressão, pequena e de marca "Robold", e em cima de uma mesa, as machinas de picotação e grampação.

Juiz de Fóra, 26 de agosto de 1924.

Maria José Isidoro Peretra — 3.^o anno — Grupo Escolar "Fernando Lobo".

*

Partimos do Grupo Escolar "Fernando Lobo", ás 13 horas. Fomos conduzidas pela professora technica d. Julieta Benicio; os meninos por d. Elmaia F. da Cunha, professora da classe. Durante a viagem, de honde, nada houve de anormal.

Descemos do bonde na Avenida Rio Branco, fomos, a pé, pela Rua do Espirito Santo, até ás officinas do "Lampadario". Fomos muito bem recebidos pelo sr. Gumercindo de Oliveira. Elle e os empregados mostraram-nos o machinis-

mo, explicando-nos tudo. Depois destas explicações, nosso collega Erimá, em poucas palavras, procurando traduzir, em nome da classe, a satisfação que ia em nossos corações, agradeceu ao sr. Gumercindo e ao padre José Rocha as gentilezas que nos dispensaram. O padre José Rocha respondeu ás palavras do Erimá, dizendo que nós tínhamos nada a agradecer, e acabou contando uma proveitosa historia.

Sei que toda a classe ficou satisfeitissima com o bello e instructivo passeio, do qual cada um de nós tirou a mais util lição que se pode desejar.

Eu trouxe optima impressão, e no meu intimo, sou muito grata ás bondosas professoras pela boa idéa, e faço votos para que sempre se lembrem de levar-nos aonde possamos enriquecer nossa instrucção e distrahirmo-nos um pouco.

Juiz de Fóra, 26 de agosto de 1934.

Cleia de Almeida Fernandes — 3.^o anno — Grupo Escolar "Fernando Lobo".

*

A nossa excursão á redacção do "Lampadario" foi muito proveitosa.

D. Elmaia dividiu a classe em quatro commissões, incumbidas, cada qual, de tomar certos apontamentos. A commissão, a que eu pertencia, foi a que mais escreveu. Era tanta cousa a ver, a pergun-

tar! Passo, agora, a transcrever meus apontamentos:

O "Lampadario" foi fundado a 1.º de março de 1926. Seu fundador foi D. Justino José de Sant'Anna, Bispo de Juiz de Fôra. O "Lampadario" é expedido para todo o Brasil e também para o estrangeiro.

O preço de sua assignatura annual é de 10\$000, e do numero avulso, \$100. O gerente do "Lampadario" chama-se Gumerindo Cornelio de Oliveira. O director geral é D. Justino de Sant'Anna. São redactores e revisores o padre José Rocha e o sr. Pelino Cyrillo de Oliveira, nosso mui digno director.

A despesa da impressão do jornal é calculada em 200\$000, mais ou menos.

Imprime-se o jornal da seguinte maneira: collocam-se os "paquets" na machina impressora. Acertam-se bem as letras com uma placa de madeira, para ficarem no mesmo nivel. Depois, o impressor colloca a folha de papel no logar apropriado, e faz funcionar a machina, que é movida a electricidade. Imprimem-se duas paginas do jornal, de cada vez.

Compõe-se o jornal, ajuntando letra por letra; as letras estão em pequenos pedaços de ferro fundido, chamados typos. Cada palavra é separada por um pedacinho de ferro fundido, chamado espaço. Quem compõe o jornal é o typographo.

Elle forma o artigo com os taes

typos em um aparelho denominado componedor. Depois, passa-o para outro aparelho designado granel. Ahi, no granel, amarram-se os typos com barbante. Os typos, assim amarrados, têm o nome de "paquets", e são levados á machina impressora.

As machinas são de ferro fundido, e vêm do estrangeiro.

Na redacção, o serviço de um empregado depende sempre da tarefa de outro; por isto, é preciso que todos trabalhem de accordo.

Juiz de Fôra, 26 de agosto de 1934.

Maria da Penha Roocke — 3.º anno — Grupo Escolar "Fernando Lobo".

*

Gostei muito da nossa excursão. Aprendi muita cousa e tomei todos os apontamentos que a nossa professora mandou.

A machina impressora do "Lampadario" tem a marca "Planeta". É grande, e serve para imprimir o jornal. O homem que trabalha na machina chama-se impressor. O homem que trabalha com os typos chama-se typographo. Os outros empregados têm a designação de gerente, revisor, redactor, etc.

Ha tambem uma machina menor, de impressão marca "Robold". Serve para imprimir folhetos, recibos, etc. O chefe das officinas ganha 200\$000, e os demais

empregados ganham pouco, porque o jornal não é diario. O ordenado de cada um é de 100\$000. A machina menor custou 2:000\$, e a maior, 28:000\$000.

Juiz de Fôra, 26 de agosto de 1934.

José da Costa Filho — 3.º anno — Grupo Escolar "Fernando Lobo".

PALAVRAS DE MESTRES

Diversos systems que divirjam podem respeitar igualmente as leis da psychologia.

Conhecer estas leis não basta absolutamente a quem quer que seja para ser um bom educador. É preciso sempre possuirmos um dom complementar, um tacto feliz, uma habilidade tal que saibamos como falar e como agir na presença do alumno. Essa facilidade de penetrar a alma da criança, este tacto necessario nesta ou naquella situação, é a chave da arte do educador e, para adquiri-la, não vem de modo algum a psychologia em nosso auxilio.

WILLIAM JAMES

*

Toda correspondencia para esta publicação deve ter este endereço: "Revista do Ensino".
— Secretaria da Educação.

Os estabelecimentos escolares

(Comunicado da Directoria Geral de Informações, Estatísticas e Divulgação do Ministerio da Educação e Saude Publica)

O Convenio Estatístico de 20 de dezembro de 1931, "para aperfeiçoamento e uniformização das estatísticas educacionais e conexas", celebrado entre a União Federal, de um lado, e as suas unidades políticas, do outro, estipulou que as referidas estatísticas deveriam focalizar fundamentalmente os seguintes aspectos:

I — a organização administrativa do systema educacional;

II — o effectivo dos estabelecimentos de ensino e o respectivo aparelhamento;

III — o movimento didactico.

Para o estudo do segundo desses aspectos o citado Convenio estipulou dois eschemas basicos: um, resumido, para o ensino primario geral, cujo levantamento ficou a cargo das administrações regionaes; outro, bastante desenvolvido, adaptado especialmente aos demais ramos do ensino, de cuja estatística ficou a União directamente incumbida, pelo orgão da Directoria Geral de Informações, Estatísticas e Divulgação.

Os resultados previstos no primeiro dos referidos eschemas ficaram constituindo, sob o titulo "organização geral do ensino", a parte preliminar do systema tabular affecto á estatística do ensino primario geral, que o Ministerio da Educação a partir do

Convenio, passou a organizar com a colaboração das vinte e duas repartições regionaes que se constituíram compartes daquella Directoria Geral na execução das estatísticas educacionais brasileiras.

São os resultados geraes dessa serie de tabellas que vão ser examinados rapidamente aqui, conforme ficou annunciado em nosso ultimo comunicado.

No conjunto de tabellas — em numero de sete — destinadas á apreciação dos estabelecimentos escolares, são examinados, successivamente, — por municipios, para os Estados, e segundo as unidades da Federação, para o Brasil — os seguintes assumptos:

— o effectivo dos "estabelecimentos escolares";

— o effectivo dos "predios escolares";

— o "pessoal escolar";

— o "aparelhamento escolar; e

— as "instituições escolares.

Vejam os algarismos que esses levantamentos encontraram para o paiz considerado em conjunto, resalvada, porém, a possibilidade de pequenas rectificações, quanto ao effectivo dos estabelecimentos, na dependencia de alguns esclarecimentos complementares pedidos á Directoria

Geral do Ensino do Estado de São Paulo.

Os estabelecimentos que ministraram o ensino primario geral no Brasil, em 1932, foram em numero de 26.924, sendo 20.433 publicos e 6.491 particulares. Dos publicos eram federaes 17, estaduais 15.207 e municipaes 5.209. Dos particulares, ministravam o ensino gratuitamente 813 e recebiam subvenções (segundo os dados das estatísticas regionaes) da União, 135, dos Estados, 231 e dos municipios, 1.246.

Do conjunto dos 26.924 estabelecimentos, tinham fins "exclusivamente ou principalmente didacticos" 26.697, sendo 17 federaes, 15.171 estaduais, 5.195 municipaes e 6.284 particulares. Coexistiam o ensino pre-primario e o fundamental em 284 estabelecimentos; o fundamental e o complementar em 266, e as tres modalidades em 80. Mantinham, além do ensino primario geral, o ensino secundario — 230; o ensino especializado ou semi-especializado de qualquer grau — tecnico, 67; pedagogico, 283; de outros ramos, 213; e o ensino superior geral — nenhum.

Os predios occupados por esse aparelho escolar montavam a 26.594, que assim se classificavam:

— pertencentes á União 30, sendo — occupados: por escolas federaes, 4; por escolas estaduais, ou municipaes 23; por escolas particulares, 3;

— pertencentes aos Estados ou ao Territorio do Acre 2.154, sendo — occupados por organizações escolares estaduais ou territoriaes 2.136, de outras dependencias administrativas, 14, e particulares 4;

— pertencentes aos municipios 915, dos quaes — em que funcionaram escolas municipaes, 777, de outra dependencia administrativa, 129, e particulares, 9;

— pertencentes a particulares 23.495, dos quaes — em que tinham sede escolas publicas 17.531 (12.577 a titulo oneroso e 4.954 a titulo gratuito), e em que funcionavam escolas particulares . . . 5.964 (da mesma entidade proprietaria 1.853, de outras entidades a titulo gratuito 1.151, idem, a titulo oneroso 2.960).

Tendo em vista se eram "pertencentes", "cedidos gratuitamente" ou "arrendados" ás entidades mantenedoras das organizações escolares que nelles funcionavam, assim se resumem os effectivos dos predios computados na estatística:

— eram propriedade das entidades mantenedoras das respectivas escolas, 4.770, sendo 2.817 de entidades publicas e 1.853 de particulares;

— eram cedidos gratuitamente a essas entidades, 6.287, sendo para escolas publicas 5.120 e . . . 1.167 para escolas particulares; — eram arrendadas a essas entidades, 15.537, dos quaes, 12.577 para escolas publicas e 2.960 para escolas particulares.

O pessoal do aparelho escolar do ensino primário geral — computado como uma só unidade cada professor e qualquer estabelecimento, ainda que neste lecciona em mais de um curso abrangido pela estatística — ascendia ao total de 65.668.

O pessoal não docente assim se discriminava:

— no ensino federal, 4 homens, todos empregados subalternos;

— no ensino estadual e territorial, 5.254, sendo pessoal superior 1.680 e subalterno 3.574, do sexo masculino 2.735 e do feminino, 2.518;

— no ensino municipal 776, sendo pessoal superior 338 e subalterno, 438, do sexo masculino 204 e do feminino 572;

— no ensino particular 3.399, sendo pessoal superior 1.065 e subalterno 1.734, do sexo masculino 1.687 e do feminino 1.712;

em geral 9.433, sendo pessoal superior 3.683 e subalterno . . . 5.750, do sexo masculino 4.631 e do feminino 4.802.

O pessoal docente distribue-se segundo suas varias classificações da maneira seguinte:

— no ensino federal, 86, sendo do sexo masculino 72 e do feminino 14, normalistas 15 e não normalistas 71, cathedraicos, 4, e auxiliares, 82;

— no ensino estadual e territorial, 33.200, do qual, do sexo masculino 3.097 e do feminino 30.103, normalistas 24.344 e não normalistas 8.856, cathedraicos 28.251 e não cathedraicos 4.949;

— no ensino municipal, 8.526,

tendo, como parcelas, do sexo masculino 1.998 e do feminino. . .

6.528, normalistas 3.314, e não normalistas, 5.212, cathedraicos 5.491 e auxiliares, 3.035;

— no ensino particular 14.423, onde se contavam, do sexo masculino 5.021 e do feminino 9.402, normalistas 3.237 e não normalistas 11.186, cathedraicos 10.960 e não cathedraicos 3.463;

— em geral 56.235, abrangendo do sexo masculino 10.188 e do feminino 46.047, normalistas 30.910 e não normalistas 25.325, cathedraicos 44.706 e auxiliares 11.529.

Apreciando-se em separado os docentes cathedraicos segundo seu grão de responsabilidade, encontramos:

— cathedraicos “responsaveis pela administração de unidades escolares”, 27.381, dos quais no ensino federal 4, no estadual e territorial 15.458, no municipal 4.985 e no particular 6.934;

— cathedraicos “sem funções administrativas”, 17.325, dos quaes nenhum no ensino federal, 12.793 no ensino estadual e territorial, 506 no ensino municipal e 4.026 no ensino particular.

Passemos a considerar, agora, o aparelhamento escolar.

Possuam bibliotheca para professores, 2.328 estabelecimentos, dos quaes 6 federaes, 1.599 estaduais e territoriaes, 30 municipais e 693 particulares. Dispunham de livrarias para os alumnos 1.368 escolas, das quaes 9 federaes, 616 estaduais e territo-

riaes, 162 municipaes e 581 particulares.

Museus existiam em 2 escolas federaes, 195 estaduais, 74 municipaes e 268 particulares, num total de 559.

Laboratorios e gabinetes enriqueciam apenas 539 estabelecimentos escolares, sendo 2 federaes, 97 estaduais, 92 municipaes e 348 particulares.

Estavam na posse de um equipamento para projecções luminosas fixas 1 estabelecimento federal, 18 estaduais, 13 municipaes e 99 particulares, ou sejam 131 ao todo. Mas para projecções animadas estavam equipadas 98 escolas estaduais, 47 municipaes e 114 particulares, perfazendo o total de 259.

Estavam adaptadas a praticar trabalhos de agricultura 603 escolas, das quaes eram federaes 3, estaduais 409, municipaes 76 e particulares 175. Para a pratica de outros trabalhos manuaes estavam habilitados 713 educandarios, a saber: 4 federaes, 295 estaduais e territoriaes, 36 municipaes e 378 particulares.

Para praticar a educação physica já estavam mais ou menos aparelhados com equipamento proprio, 550 organizações escolares, total esse para que contribuiu o ensino federal com 4 unidades, o estadual com 181, o municipal com 30 e o particular com 335.

No que diz respeito ás “instituições intra-escolares” as infor-

mações da estatística tambem assignalam situação bem pouco animadora. Os “clubs de leitura” existiam em 279 escolas (66 estaduais, 122 municipaes e 91 particulares). Possuam “auditorium” 39 estabelecimentos (10 estaduais, 2 municipaes e 27 particulares).

— Estavam organizados “pelosões de saude” em 36 casas de ensino estaduais, 118 municipaes e 17 particulares, num total de 171.

Contavam “organizações de esotismo” 130 escolas, sendo 81 estaduais, 2 municipaes e 47 particulares. Haviam organizado “clubs desportivos” 108 escolas, das quaes estaduais 24, municipaes 20 e particulares 64. “Ligas de bondade” funcionavam em 77 institutos docentes, dentre os quaes eram estaduais 64, municipaes 2 e particulares 11. “Outras instituições” intra-escolares existiam em 182 casas de educação, sendo 126 estaduais, 2 municipaes e 54 particulares.

Pelo que toca, finalmente, ás “instituições peri-escolares”, os elementos que a estatística apuntra indicam nas escolas recenseadas a existencia:

— de “associações de pais e professores”, em 509, das quaes, estaduais e territoriaes 326, municipaes 143 e particulares 40;

— de “conselhos escolares”, 222, sendo estaduais 167 e particulares 55;

— de “caixas escolares”, em 1.290, isto é, 976 estaduais e territoriaes, 234 municipaes e 80 particulares;

— de "fundos escolares", em 49, e dizer, estaduais 33, municipais 2 e particulares 14;

— de "diversas outras instituições, em 394, sendo estaduais 63, municipais 321 e particulares 10.

PALAVRAS DE MESTRES

Uma disciplina servil só pode formar caracteres servis. A creança se submete e finge obediencia enquanto o temor do castigo actua sobre ella; porém, quando se livra desse temor e se julga impune, — dá redea solta a suas caprichosas inclinações, as quaes, longe de debilitar-se pelo methodo da coacção, antes, pelo contrario, crescem e se fortificam e, em dado momento, estouram com mais violencia.

JOHN LOCK

AVISO AOS PROFESSORES E ASSIGNANTES

Prevenimos aos srs. professores e assignantes que a "Revista do "Ensino" não é distribuida pela Imprensa Official, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondencia deve ser dirigida.

Vencimentos dos professores

(Comunicado da Directoria Geral de Informações, Estatísticas e Divulgação do Ministerio da Educação e Saude Publica)

Embora não haja sido completo, na primeira tentativa realizada quanto ao anno de 1932, o exito das pesquisas complementares das estatísticas educacionais conforme o previsto na clausula decima do Convenio Inter-administrativo de 1931, conseguiu o Ministerio da Educação colligir dados bastante interessantes, que já foram parcialmente divulgados em anteriores comunicados desta repartição, sobre aspectos da organização do ensino primario nas varias unidades da Federação.

Uma contribuição ainda inedita, entretanto, para a exacta apreciação das condições da vida educacional brasileira, é a que se refere aos vencimentos do professorado no ensino publico elementar. E' verdade que o material informativo com que se tentou organizal-a não offereceu bastante uniformidade e precisão, não obstante os reiterados pedidos do Ministerio aos governos regionaes. E por isso a resenha elaborada não conseguiu para todas as circumscrições o minimo das especificações que o assumpto requeria. Ainda assim, porém, os dados reunidos merecem divulgação, porquanto collocam em evidencia um dos aspectos fundamentaes dos nossos deficientes systemas de educação.

Vejamos, resumidamente, pois, para cada Unidade da Federação, quaes eram as categorias e os vencimentos annuaes do respectivo professorado em 1932.

No Districto Federal, o corpo docente propriamente dito se distribuia por cinco categorias — uma de professores "directores de escola", quatro de "adjunctos" e uma de "coadjuvantes do ensino". Os vencimentos destes montavam a 7 contos de réis, enquanto que os dos adjunctos de 1.ª, 2.ª,

3.ª e 4.ª classes eram, respectivamente, de 7:800\$, 6:800\$, 5:400\$ e 3:600\$, subindo os dos directores a 10:200\$. Mas os adjunctos recebiam mais 50\$000, quando assumiam a responsabilidade de direcção da escola.

Uma extensa diferenciação de categorias referem as notas obtidas do Estado de Alagoas. O professorado estadual com exercicio nos grupos escolares da Capital compunha-se de: cathedraicos, com 4:200\$; adjunctos de 1.ª classe, com 3:600\$; idem, de 2.ª, com 3:000\$; idem, de 3.ª, com 2:400\$. Os professores dos grupos escolares do interior, ou eram cathedraicos, com 3:600\$, ou eram adjunctos, com 3:000\$. Os docentes de escolas isoladas distribuiu-se por tres entrancias, vencendo, na 3.ª 3:000\$, na 2.ª 2:640\$, e na 1.ª 2:400\$. Mas havia ainda os professores subvencionados, que recebiam o auxilio de 1:440\$000.

Por tres entrancias se distribuia o professorado do Amazonas. Aos docentes de 1.ª entrancia era pago o vencimento de 3:600\$; aos de 2.ª, 3:000\$; e aos de 3.ª, 2:400\$000.

A informação recebida do Estado da Bahia alludiu apenas aos limites dos vencimentos pagos, a saber, 3:200\$ e 5:600\$000.

Em idênticas condições estavam os informes recebidos do Ceará. Os vencimentos do professorado estadual iam de 2:196\$ a 2:928\$000.

Quanto ao Espirito Santo, temos duas categorias geraes — "professores de concurso" e "professores normalistas", aquelles distribuidos por tres "classes", estes por quatro. O professor de concurso de 3.ª classe vencia 1:800\$, o de 2.ª, 2:520\$, e o de 1.ª, 2:880\$. O professor normalista de 4.ª classe percebia 2:880\$, o de 3.ª, 3:600\$; o de 2.ª, 4:320\$, e o de 1.ª, 5:040\$000.

As notas recebidas de Goyaz, alludindo aos professores de grupos escolares, referem o vencimento de 3:840\$ para o grupo modelo, e o de 3:480\$ para os demaes. A seguir enumeram tres classes de professores de escolas isoladas, attribuindo-lhes os seguintes vencimentos: aos de 1.ª classe, 2:160\$; aos de 2.ª classe, 1:800\$; aos de 3.ª classe, 1:440\$000.

Tres categorias foram indicadas para o professorado do Maranhão. Havia os professores leigos (interinos), com o salario de 1:200\$, e os professores normalistas, estes vencendo, no interior 3:000\$, e na capital, 2:700\$000.

Em Matto Grosso, os professores de escolas urbanas percebiam 2:240\$. Mas a informação, parecendo alludir ao ensino urbano, ainda refere os "adjunctos de classes desdobradas", com o mesmo vencimento dos "professores"; indicando, em seguida, os "professores de escolas rurais e ambulantes", que ganhavam apenas 1:560\$000.

As categorias enumeradas na informação relativa ao Estado de Minas Geraes eram as seguintes: "professores", vencendo, na capital 3:960\$, nas cidades e villas 3:360\$ e nos districtos 2:400\$; "estagiarios", com 2:280\$ na capital, 1:980\$ nas cidades e villas, e 1:560\$ nos districtos; "professores contractados de districto", com 2:040\$; e "estagiarios contractados de districto", com 1:080\$000.

O magisterio do Pará compunha-se das seguintes classes de professores: de grupo escolar da capital (3.ª entrancia), vencendo 3:000\$; de escola isolada na capital, tambem... 3:000\$; de escola nocturna na capital, 2:400\$; de grupo escolar de 2.ª entrancia (interior), 2:400\$; de grupo escolar de 1.ª entrancia (interior), 1:800\$; de escola isolada, no interior, 1:800\$; auxiliar, no interior, 1:200\$; de escola nocturna no interior, 1:800\$ e 1:200\$000.

As categorias no magisterio do Estado da Parahyba eram a de *professor* e a de *adjuncto*, variando, porém, o vencimento de cada uma conforme tinham exercicio na Capital, em cidade do interior ou em villa. O "professor" vencia, no primeiro caso, 3:960\$, no segundo, 3:600\$, e no terceiro, 3:240\$. Ganhava o "adjuncto" 2:400\$ na capital e 1:800\$ nos outros dois casos.

O Estado do Paraná communicou a seguinte tabella: normalista de 1.ª classe, 3:120\$, idem, de 2.ª, 3:480\$; idem, de 3.ª, 3:900\$; effectivo de 1.ª classe, 1:920\$; idem, de 2.ª, 2:400\$; idem, de 3.ª, 2:820\$; provisorio, 1:560\$; adjuncto, tambem 1:560\$; substituto effectivo, 960\$000.

O professorado de Pernambuco distinguia-se apenas pela indicação das "entrancias", que eram quatro. Na primeira, a remuneração era de 3:600\$; na segunda, de 3:800\$; na terceira, de 4:200\$; e na quarta, de 4:800\$000.

No Piauí a graduação também se fazia em entrancias, de 1.ª á 4.ª, vencendo os titulares, respectivamente: 2:400\$, 2:640\$, 2:880\$ e 3:000\$. Mas os professores effectivos acrescenta a informação — recebiam a mais 5 0/0, 10 0/0, 15 0/0 e 20 0/0, conforme contassem 10, 15, 20 ou 25 annos de serviço.

O Estado do Rio de Janeiro admittia a seguinte tabella: cathedraicos com menos de 20 annos de serviço, 3:000\$; idem, tendo 20 ou mais annos de serviço, 3:600\$; adjunctos com menos de 20 annos de serviço, 2:400\$; adjunctos tendo 20 ou mais annos de serviço, 3:000\$. E havia também os cathedraicos e os adjunctos interinos, que recebiam, estes, 1:200\$, e aquelles, 1:800\$. Ocorria, porém, ainda, que aos 25 annos de serviço o professor primario começava a perceber uma gratificação adicional correspondente á metade da gratificação ordinaria, que era um terço dos vencimentos, e aos 30 annos essa gratificação adicional passava a ser igual á ordinaria.

O Rio Grande do Norte só informou a categoria dos "professores diplomados", mas referindo para os respectivos vencimentos o maximo de 4:200\$ e o minimo de 2:400\$000.

A seriação adoptada pelo Rio Grande do Sul especifica sete categorias de docentes. Eram ellas: professor de collegios elementares de 1.ª entrancia, 5:227\$; idem, de 2.ª entrancia, 6:185\$; idem, de 3.ª entrancia, 6:766\$; addidos, 5:040\$ e.... 4:200\$; de escolas isoladas, de 1.ª entrancia, 3:942\$; idem, de 2.ª entrancia, 4:579\$; idem, de 3.ª entrancia, 5:217\$; auxiliares de ensino — em collegios de 2.ª entrancia, 4:830\$, e em collegios de 1.ª entrancia, 3:960\$; auxiliares de ensino em grupos, 3:862\$; professores das aulas das sedes ruraes.... 1:980\$000.

Santa Catharina classificava e remunerava o seu professorado primario da seguinte forma: professores de grupos de 1.ª classe, com a designação de "cathedraicos de 1.ª clas-

se", vencendo 3:480\$, e designados por "normalistas", percebendo 2:880\$; professores de grupos de 2.ª classe, todos "normalistas", com 2:880\$, professores de escolas isoladas, — se "normalistas", com 2:880\$, se "complementaristas", com 2:016\$, se "provisorios", com 1:872\$, se "adjuntos", com 1:152\$000.

Já a escala de differenciação adoptada pelo Estado de São Paulo, segundo a communicação recebida, baseava-se exclusivamente no tempo de serviço, divergindo, portanto, de todas as demaes. E assim se constituia: professores contando até 5 annos de effectivo exercicio, 4:800\$; de mais de 5 a 10 annos, 5:760\$; de mais de 10 a 15 annos, 6:600\$; de mais de 15 a 20 annos, 7:200\$; de mais de 20 a 25 annos, 7:680\$; de mais de 25 annos, 8:040\$000.

Em Sergipe, a classificação do quadro docente comprehendia professores de quatro entrancias e adjunctos. Para os professores de 4.ª entrancia, o vencimento era de 3:528\$; para os de 3.ª, de 2:280\$; para os de 2.ª, de 1:920\$, e para os de 1.ª, 1:776\$. Os adjunctos venciam 1:440\$000.

Sobre o Territorio do Acre só se obteve a informação de que os vencimentos do seu magisterio iam de 2:400\$ a 4:800\$000.

Sem embargo dos resultados desse primeiro inquerito não apresentarem indicações precisas, que permitam comparar rigorosamente a situação das varias "classes", "entrancias" e "categorias", já são sufficientes os dados enumerados para fundamentar conclusões geraes que focalizam bem a questão e indicam a direcção dos esforços de reajustamento que ella requer.

Percebe-se desde logo, através destes informes, uma grande diversidade de criterios de classificação e de escalonamento dos salarios, alguns dos quaes até de sentidos oppositos, e baseados, uns, no tempo de serviço exclusivamente, outros, ora na localização, ora na especialização pedagogica do professor, ora no typo da escola, e muitos instituindo systemas mistos de grande heterogeneidade entre si. E conclue-se também que essa diversidade de criterios, muitas vezes antagoni-

cos, não resulta necessariamente de exigências das condicionantes regionaes, senão que simplesmente da visão unilateral com que o problema foi encarado em cada região, divorciadamente muitas vezes dos imperativos técnicos e sociais que no assumpto deveriam prevalecer de um modo geral, dado que o professor primário pratica em toda parte a mesma especialidade profissional, e identica é a sua missão social, verificando-se, portanto, exigências uniformes, no que respeita á remuneração e ao estímulo, em cada uma das situações realmente distinctas em que lhe caiba exercer seu magisterio.

Outra conclusão, também fundamental, que autorizam plenamente os informes ora dados a conhecer, não obstante sua deficiencia, é a de que, em geral, ainda é gritantemente mal remunerada no Brasil, a nobilissima missão social, tão ardua e de tanta responsabilidade sob variados pontos de vista, do professor primário. Porque, de facto, somente em poucas circumscrições — e onde, aliás, a vida offerece multiplas e dispendiosas exigências — os respectivos vencimentos attingem a um limite que excede 5 contos annuaes, e isto mesmo apenas para as categorias mais favorecidas em função do tempo de serviço ou da responsabilidade. Basta lembrar que, não falando no caso dos "directores de escola", no Districto Federal, — apenas em São Paulo, e só para os professores de mais de 25 annos de serviço, o vencimento excede um pouco oito contos de réis annuaes; sendo certo que a grande maioria do professorado primário brasileiro ganha bem menos da metade daquella importância, de tal sorte que a sua remuneração se equipara, — quando não se inferioriza — á das praças de policia ou á dos serventes e continuos das Secretarias de Estado. E isto com a agravante de lhe faltarem em regra quaesquer perspectivas de melhoria, seja por tempo de serviço, seja por promoção, o que faz com que a vida de uma parte muito grande do nosso magisterio decorra toda ella nas duras condições impostas por um insignificante e inalteravel salario, inferior muitas vezes a 2:400\$, e que não raro

attinge o quasi inacreditavel limite de 960\$ por anno, ou sejam 80\$ mensaes. . .

Donde se conclue que será bem, esse, um dos symptomas a merecer a attenção conjunta dos nossos Governos, logo que se vejam elles solidarizados, pela Convenção Nacional de Educação, no trato dos seus problemas educacionaes.

PALAVRAS DE MESTRES

O horario que isola noções, como cousas autonomas e independentes, presuppõe a possibilidade, por parte do educando, de applicar, em tempo opportuno e com justeza, na solução de casos occorrentes, os conhecimentos accumulados durante o curriculo. A experiencia de todos os mestres mostra que essa supposição não se traduz em realidade: folham na pratica os elementos que foram adquiridos fóra della. "Eu me esqueci..." "eu sabia, mas não me ocorreu...", "em apuros, de nada me lembrei...", e o curso dos acontecimentos não soffre assim o controle do preparo previo que a escola orientou em longos annos de estudo. E' que os alumnos ficam sabendo leis de physica e de chimica, regras de moral e de civismo, sem que essas leis e essas regras interfiram com phenomenos e factos que se lhes defrontam na vida ordinaria. Ficaram sabendo, mas não foram ellas repetidamente applicadas pelos educandos no esclarecimento de situações em que se acharam, na resolução de problemas que circumstancias varias lhes propuzeram. A isto conduz, é bem claro, um arranjo de aulas que se succedem sem obedecer ao senso de continuidade de uma vida em desdobramento, senso originado em contacto com factos sociais ou com phenomenos e cousas da natureza.

João TOLEDO

A Convenção Nacional de Educação

(Comunicado do Delegado do Ministério da Educação em Minas Geraes)

No momento em que a Convenção Nacional de Educação vae reunir na Capital da Republica os expoentes da actividade escolar em todos os sectores do territorio nacional e em que o Governo Federal, patrocinando o memoravel certamen e a elle concorrendo com numerosa delegação, revela o seu proposito de cooperar decisivamente com os governos regionaes para o progresso da instrução, vem a proposito alguns conceitos com que Robinson Smith, professor de Sociologia Educacional na Universidade de Kansas, justifica a vantagem de Kansas justifica a vantagem de uma participação cada vez mais intensa da União americana no movimento em prol do ensino, não obstante os progressos já alcançados naquelle paiz sob o regimen actual em que os interesses da educação estão confiados aos Estados e ás cidades, sob uma organização descentralizada e complexa que favorece, de um modo feliz, a colaboração directa do povo nos serviços de direcção e fiscalização dos educandarios.

Segundo o auctor a que alludimos, são em numero de quatro as razões fundamentaes que impõem ao Governo Federal o dever de assumir um papel proeminente

entre as entidades que promovem e sustentam a educação popular.

A primeira é que a participação do Governo Nacional dignifica o trabalho educativo e estimula os ideais culturaes.

A segunda provém do facto de permittir essa interferencia a equiparação das oportunidades de apprender offerecidas á infancia, quaesquer que sejam as regiões consideradas do territorio patrio, attendendo a que, pondera Robinson Smith, a unidade final da educação não é o Estado (com monwealth), o municipio ou o districto escolar, mas a propria creança.

O terceiro elemento que aconselha incluir na orbita das cogitações do Governo da União as actividades educacionaes é a progressão dos gastos exigidos para o custeio das escolas, admittida a tendencia para o augmento do numero de annos fixados para frequencia legal dos discentes.

A exiguidade desse periodo no Brasil tem sido apontada como uma das causas da inferioridade do nosso ensino e já vae determinando um accentuado movimento no sentido de se promover a ampliação do limite superior da idade escolar, o que torna a observação daquelle escriptor digna

da meditação dos nossos dirigentes, á vista da difficuldade com que alguns dos Estados mais pobres attendam ás contingencias do regimen vigente, não obstante a notoria deficiencia desse regimen e da organização summaria que elle exige para o seu precario funcionamento.

A quarta razão que sanciona a conveniencia de uma participação mais estreita do governo central em favor da instrução da juventude consiste nos beneficios que poderá prestar a União Federal elevando o padrão das escolas e diffundindo as praticas mais progressistas em materia de ensino.

A campanha em favor da instituição de um novo Ministerio que será o Departamento Nacional de Educação, tem sido sustentada nos Estados Unidos com vigor e pertinacia, como se pode concluir dos projectos que, durante mais de uma decada, foram apresentados e renovados em cada legislatura, todos visando completar a organização administrativa com a criação desse aparelho tida por inadiavel.

A recente proposta do Conselho Nacional de Educação, bem acolhida nas esferas officiaes, visando o mesmo fim, seguindo todos os indices deverá ter em breve uma solução favoravel.

Os apologistas dessa innovação admittem-na como a primeira etapa para a realiação do programma de interessar intimamente a União na obra da educação popular, assegurando assim a esta as mais amplas possibilidades de desenvolvimento.

O Governo Provisorio organizando no Brasil o Ministerio da Educação e Saude Publica poz em equação o problema da attitude que deve assumir a União em face dos embaraços que têm até agora corrido para manter estacionarias as taxas de illetrismo não obstante o progresso da população verificado sob todos os demaes pontos de vista.

A Convenção Nacional de Educação poderá concorrer com as suas luzes para esclarecer as diretrizes a seguir na solução desse aspecto palpitante da nossa orientação educacional.

*

PALAVRAS DE MESTRES

Temos que nos voltar para a vida para ver como o que aprendemos nos auxilia a refazer e reorganizar a nossa propria vida.

JOHN DEWEY